

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUCÉLIA DE ALMEIDA SANTOS OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL, CRECHE: Uma reflexão sobre a identidade profissional
do professor**

**Aracaju SE
2018.1**

LUCÉLIA DE ALMEIDA SANTOS OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL, CRECHE: Uma reflexão sobre a identidade profissional
do professor**

Monografia apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Maria Auxiliadora Santos

**Aracaju SE
2018.1**

LUCÉLIA DE ALMEIDA SANTOS OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL, CRECHE: Uma reflexão sobre a identidade profissional
do professor**

**MONOGRAFIA APRESENTADA NO IV ENCONTRO CIENTÍFICO
MULTIDISCIPLINAR DA FACULDADE AMADEUS. ISSN 2358-0070**

Coordenador do Curso de Pedagogia: Especialista Williams dos Santos

Orientadora: Professora Dra. Maria Auxiliadora Santos

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Nota: _____ (_____)

**Aracaju SE
2018.1**

Verdades da Profissão de Professor

Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. A data é um convite para que todos, pais, alunos, sociedade, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas demonstramos o compromisso com a educação que queremos. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, pelo dom da vida, e por ter me concedido saúde, disposição e discernimento, não só na realização deste trabalho, mas durante os quatro anos da minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus pais, Maria e José, que me educaram no caminho do bem, aos meus irmãos e aos demais integrantes da família, que torceram por mim, de forma amorosa.

Agradeço ao meu amado esposo, Samuel, meu maior incentivador, parceiro de todos os momentos, que compreendeu a minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos. Sem o seu amor eu não teria chegado até aqui.

Agradeço à minha filha amada, Luana Stefany, que embora não tivesse conhecimento sobre a complexidade deste trabalho, tinha a preocupação de perguntar diariamente, se ainda faltava muito para eu conseguir concluir.

Agradeço à minha estimada orientadora, professora Dra. Maria Auxiliadora, que me orientou de forma intensa e amiga, contribuindo de forma significativa para a elaboração deste trabalho. Seu incentivo foi essencial, durante todo tempo que estive dedicada a esta pesquisa.

Agradeço à todos os professores que contribuíram com minha graduação, sem eles nada disso seria possível.

Agradeço às quatro professoras que entrevistei, para a realização desta pesquisa, elas foram fundamentais. Seus relatos deram vida ao meu trabalho e contribuíram para a minha futura postura profissional.

Agradeço à todos os colegas da faculdade, especialmente, Arieli, Matheus, Maria Helena, Gisele, Jéssica, Elizabeth e Vanessa Rolim, que estiveram junto comigo, dividiram comigo, as aflições dos trabalhos acadêmicos, e se tornaram meus grandes amigos.

Enfim, agradeço à todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. À todos, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	11
2.1 Descrição da unidade de ensino onde foi realizada a pesquisa	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 Um Breve Histórico da Educação Infantil no Brasil	14
3.2 A Constituição da Identidade Profissional do Professor da Creche ...	16
3.3 Orientações Curriculares para Educação Infantil	18
3.4 O Educar e o Cuidar Presentes no mesmo Espaço Educacional: a prática docente do professor da creche	19
3.5 A Afetividade Presente na Relação Professor e Aluno	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1 Observações	23
4.1.1 Análise das observações	26
4.2 As Entrevistas	28
4.2.1 Núcleos de significação	30
4.2.2 Análise e interpretação das entrevistas por intermédio dos núcleos de significação	32
5 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	53
Apêndice A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS	53
Apêndice B – ENTREVISTAS	54
Apêndice C – TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO	66

RESUMO

O presente trabalho, buscou refletir sobre a prática docente desenvolvida por professores que exercem a docência em creches, e as relações envolvidas nesse processo. As principais referências utilizadas foram: O Referencial Curricular para Educação Infantil(BRASIL, 1998); As Diretrizes Curriculares para Educação Infantil(BRASIL,2009) ; Nacarato (1998); Felipe (2001); Zanini e Leite (2012); Freire (1996); Chizzotti (2003). Justifica-se a realização desta pesquisa, pela necessidade de refletirmos sobre a prática docente, de professores que atuam em creches, e a grande relevância do trabalho desenvolvido por esses profissionais. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo geral, conhecer como ocorre a prática docente, numa determinada creche municipal, diante da necessidade de cuidar e educar de forma indissociável. Dentro desse contexto, questionou-se: A relação do cuidar e educar de forma indissociável pode interferir na constituição da identidade profissional do professor? Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, constituída por pesquisa bibliográfica e Estudo de caso. Os métodos utilizados para realização do estudo de caso foram: observações e entrevistas. Foram entrevistas, quatro professoras da rede municipal da cidade de Nossa do Socorro-Se, com o objetivo de conhecer o ponto de vista delas, como profissionais, sobre as relações envolvidas no exercício da docência, na referida creche municipal. A análise dos dados foi realizada por meio dos Núcleos de significação, segundo Aguiar e Ozella (2013). O conteúdo dos dados permitiu uma reflexão sobre diversas situações que envolvem a prática docente dos professores que atuam em creches.

Palavras-chave: Educação Infantil. Identidade Profissional. Prática Docente

ABSTRACT

The present work sought to reflect on the teaching practice developed by teachers who teach in day care centers and the relationships involved in this process. The main references used were: The Curriculum Framework for Early Childhood Education (BRASIL, 1998); The Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (BRASIL, 2009); Nacarato (1998); Felipe (2001); Zanini e Leite (2012); Freire (1996); Chizzotti (2003). It is justified to carry out this research, due to the need to reflect on the teaching practice, teachers who work in day-care centers, and the great relevance of the work developed by these professionals. In this sense, the present work had as general objective, to know how the teaching practice occurs in a given municipal day care center, in view of the need to care and educate in an inseparable way. Within this context, the following questions were raised: Should the relationship of caring and educating in an inseparable way interfere with the constitution of the professional identity of the teacher? This is a qualitative research, consisting of bibliographical research and case study. The methods used to carry out the case study were: observations and interviews. Four teachers from the municipal network of the city of Nossa do Socorro-Se were interviewed, with the objective of knowing the professionals' point of view about the relationships involved in the exercise of teaching in the referred municipal day care center. The analysis of the data was performed through the Meaning Cores, according to Aguiar and Ozella (2013). The content of the data allowed a reflection on several situations that involve the teaching practice of teachers who work in day care centers.

Keywords: Early Childhood Education. Professional Identity. Teaching Practice

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como finalidade refletir sobre a relação do cuidar e educar de forma indissociável, e a identidade profissional do professor. O principal indicativo utilizado para a realização desta pesquisa foi o ponto de vista de quatro professoras que atuam numa creche municipal. De acordo com as observações e as entrevistas realizadas, foi possível analisar as especificidades existentes na prática educativa da creche e as relações que envolvem esse processo educativo. O desenvolvimento desta pesquisa pretende abordar os desafios enfrentados pelos professores de creche, diante da necessidade de cuidar e educar de forma indissociável.

A Educação Infantil na modalidade creche atende crianças de zero a três anos de idade, promovendo a educação e os cuidados essenciais para o desenvolvimento das crianças. Os professores que atuam nas creches devem conciliar a prática educativa com os cuidados com a higiene, a alimentação e todas as questões relacionadas às peculiaridades das crianças pequenas. A realização desta pesquisa possibilitou dialogar com as professoras para fazer uma reflexão sobre as especificidades da Educação Infantil na modalidade creche. Através dos relatos das professoras, foi possível conhecer quais os principais desafios enfrentados por elas no exercício da profissão, e como acontece a constituição da identidade profissional, diante do binômio cuidar e educar.

Para conhecer a legislação que rege a Educação Infantil na modalidade creche, foram analisados os seguintes documentos: A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988); o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) e o Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL, 1998). Para compreender como deve ocorrer o processo educativo na creche e a constituição da identidade profissional do professor, busquei apoio teórico nos trabalhos de Nacarato et al. (1998), Felipe (2001), Zanini e Leite (2012).

A presente pesquisa justifica-se pela importância de refletirmos sobre a prática docente dos professores que atuam em creches e a grande relevância do trabalho desenvolvido por eles. Foram analisadas as principais questões que envolvem o processo educativo do ponto de vista de quatro professoras de uma

creche municipal, com o intuito de contribuir com as discussões já existentes, sobre qual o papel do professor da Educação Infantil.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi: conhecer como ocorre a prática docente, numa determinada creche municipal, diante da necessidade de cuidar e educar de forma indissociável. Teve como objetivos específicos: Saber como as professoras se reconhecem profissionalmente; conhecer as questões que norteiam o trabalho docente dos professores da creche; problematizar questões que possam estar descaracterizando o papel do professor.

Foi uma pesquisa qualitativa, estudo de caso, realizada com professoras que atuam com crianças na faixa etária de um ano a cinco anos de idade, numa creche municipal, na cidade de Nossa Senhora do Socorro- Sergipe. Teve como instrumentos, as observações que realizei nas turmas atendidas pelas professoras participantes da pesquisa, e os depoimentos obtidos através das entrevistas realizadas com as referidas professoras. Analisei os dados obtidos, através dos núcleos de significação, segundo Aguiar e Ozella (2013). Após os conteúdos dos dados serem analisados em seus respectivos núcleos, resultaram numa dissertação, considerando o ponto de vista das professoras entrevistadas.

2 METODOLOGIA

Seguindo os métodos que caracterizam a pesquisa qualitativa, procurei analisar as peculiaridades que envolvem o cuidar e educar de forma indissociável, na prática educativa da creche, tendo como principal indicativo, o ponto de vista de quatro professoras, que atuam numa creche situada no Município de Nossa Senhora do Socorro. Os instrumentos utilizados foram: a) observação do trabalho realizado por quatro professoras de turmas diferentes, que atendem crianças na faixa etária de um ano a quatro anos de idade; b) realização de entrevistas com as referidas professoras. Para contribuir e facilitar o entendimento proposto pela pesquisa, desenvolvi a parte teórica através de pesquisas bibliográficas com o intuito de subsidiar a fundamentação necessária para a análise dos dados e interpretação correta dos resultados.

Segundo Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa tem como objetivo investigar uma determinada questão a partir de informações obtidas por observação, entrevistas e depoimentos de pessoas que conhecem bem a realidade que está sendo investigada. A pesquisa qualitativa opõe-se a quantitativa, pois, não pretende obter quantidade, e sim conhecer e analisar a forma de pensar das pessoas com relação à questão que está sendo pesquisada. Para isso, os pesquisadores estudam as informações, interpretam e fundamentam os resultados. Para a realização de uma pesquisa qualitativa é essencial a definição clara e objetiva da questão a ser pesquisada e quais os métodos que serão utilizados para obter as informações.

De acordo com Lüdke e André a pesquisa qualitativa tem evoluído com o tempo e com as mudanças ocorridas na sociedade:

É igualmente importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Assim, a sua visão do mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa. (LÜDKE e ANDRÉ, 2012, p. 3).

A pesquisa qualitativa é de grande relevância para a investigação de determinados comportamentos da sociedade. Através dos resultados obtidos com a

pesquisa qualitativa é possível desenvolver estratégias que favorecem a vida em sociedade. Na perspectiva educacional a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo promover a análise dos desafios enfrentados por alunos e educadores no processo educacional, e nas relações envolvidas nesse processo.

Na realização de um estudo de caso qualitativo o pesquisador está sempre buscando novas respostas no desenvolvimento do seu trabalho, essa é uma das características do estudo de caso, promover novas descobertas, para isso, os pesquisadores enfatizam a interpretação em contexto, visando retratar a realidade de forma completa e profunda. Outra característica é a variedade de fontes de informações utilizadas. O pesquisador procura relatar as suas experiências durante a realização da pesquisa, além disso, ele é responsável pela interpretação das informações coletadas. Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 2012). Fica claro que para a realização de um estudo de caso qualitativo, é essencial um profundo envolvimento do pesquisador com os dados coletados.

Segundo Lüdke e André (2012) o primeiro passo para o desenvolvimento da observação é delimitar o objeto de estudo, para isso é necessário determinar com antecedência o quê será observado e como será feita essa observação. “Para que se torne um instrumento fidedigno de investigação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”. (p.25). Para a autora o foco da investigação deve ser definido de forma clara, assim como, o espaço-temporal. Nas abordagens qualitativas a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. É usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta. A observação permite um contato direto entre o observador e o objeto de estudo.

Na observação, levei em consideração os aspectos estruturais do prédio, a metodologia educacional e a rotina adotada pela creche. Realizei as observações no período de 18 a 22 de dezembro de 2017, com o intuito de analisar principalmente, a prática educativa desenvolvida pelas professoras envolvidas na pesquisa.

A entrevista está ao lado da observação e possibilita uma maior interação entre o pesquisador e o pesquisado, especialmente quando são feitas questões abertas, onde não há a imposição das perguntas, o tema é discutido de maneira

autêntica e com melhor aceitação. Atualmente, as entrevistas com esquemas mais livres parecem ser mais adequadas para o trabalho de pesquisa em educação. Torna-se uma forma mais conveniente de abordagem.

Entrevistei quatro professoras, todas elas fazem parte do quadro de pedagogas efetivas da rede municipal de Nossa Senhora do Socorro e possuem muitos anos de experiência na docência. Utilizei um roteiro com perguntas abertas, que funcionaram como temas geradores para a discussão.

2.1 Descrição da unidade de ensino onde foi realizada a pesquisa

A creche municipal é mantida pela Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro-SE. Atende 119 crianças no turno integral e mais 30 crianças no pré-escolar I (15 no turno da manhã e 15 no turno da tarde), somando 149 crianças na faixa etária de seis meses a cinco anos de idade. O quadro de funcionários da creche é composto por: 1 diretor, 1 coordenadora, 1 secretária, 11 pedagogas, 4 cuidadores, 20 estagiários, 2 oficiais administrativos e 8 funcionários na equipe de apoio.

A creche funciona das 07 às 17 horas. As turmas são formadas de acordo com a idade das crianças. No período integral conta com uma turma no berçário na faixa etária de 6 meses a 1 ano, 2 turmas de 1 ano, 2 turmas de 2 anos e 3 turmas de 3 anos, com média de 15 crianças por sala. Além das turmas do período integral, atende 2 turmas do pré-escolar I, 1 turma no turno da manhã e outra no turno da tarde com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos.

O prédio está em boas condições estruturais, tendo: 1 sala para direção, 1 secretaria, 1 sala de música, 1 brinquedoteca, 1 berçário, 8 salas de aula e 1 cozinha. A creche conta com pátio amplo com área coberta e solário onde as crianças podem brincar ao ar livre. A rotina adotada pela creche, visa conciliar as atividades pedagógicas, e os cuidados com higiene, com a alimentação e o descanso das crianças.

3 REFERENCIAL TEÓRICO.

3.1 Um Breve Histórico da Educação Infantil no Brasil

A Educação Infantil surgiu depois das escolas e sua necessidade está relacionada a revolução industrial. No Brasil surgiu em função da crescente urbanização e estruturação do capitalismo e, com ele, a necessidade da mulher ocupar o mercado de trabalho, desencadeando uma movimentação entre os operários pela reivindicação de um lugar para deixarem seus filhos. As creches preenchiam esta necessidade para a classe trabalhadora. Firmando-se, o cuidar, a atividade principal dessas instituições. Sendo assim, as creches e pré-escolas surgiram a partir das mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram no decorrer dos anos. O termo creche sempre esteve vinculado a um serviço oferecido à população de baixa renda, dando origem a um pensamento que prevaleceu por muitos anos, onde a creche era vista apenas como assistencialismo, como um espaço para cuidar das crianças enquanto as mães trabalhavam.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) determinou creche/pré-escola como direito da família e dever do Estado em oferecer esse serviço. Dois anos depois, em 1990, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) reafirmou os direitos constitucionais em relação à Educação Infantil.

Em 1996, com a promulgação da Emenda Constitucional que cria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) a Educação Infantil passou a ser a primeira etapa da Educação Básica, integrando-se aos ensinamentos Fundamental e Médio. Só então a Educação Infantil ganhou uma dimensão mais ampla dentro do sistema educacional.

A creche se caracterizava por uma atuação em horário integral, e a pré-escola, por um funcionamento semelhante ao da escola, em meio período. A Lei 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) nos seus artigos 29 e 30 respectivamente determina a finalidade da Educação Infantil, bem como a faixa etária que compreende a creche e a pré-escola:

Art.29 A Educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art 30 A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré – escolas para crianças de quatro a seis anos de idade. (BRASIL, 1996).

Dessa definição decorre que a Creche é direito tanto das crianças como de seus pais e são instituições de caráter educacional e não simplesmente assistencial como ao longo da história foram consideradas. Para reforçar este posicionamento o Conselho Nacional de Educação Básica, por meio da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, (BRASIL, 2009) fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e preconiza no seu artigo 5º:

Art. 5º - A Educação Infantil primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2009).

A creche sofreu inúmeras transformações ao longo dos anos, hoje de acordo com o que determina a legislação vigente, as creches são espaços educacionais e devem oferecer cuidados e educação. A Educação Infantil passa a ser vista como a junção do educar e cuidar. Cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e, educar, porque deve oferecer à criança, possibilidades de descobertas e aprendizagem. O referencial Curricular para Educação Infantil ressalta o desafio de conhecer as especificidades individuais de cada criança.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças (BRASIL, 1998, v.1, p.22).

Mesmo com todas as transformações ocorridas na trajetória da Educação Infantil, é possível perceber que a sociedade ainda faz uma relação entre o termo assistencialismo e a educação oferecida na creche. O professor da creche acaba

sendo visto por algumas pessoas, apenas como alguém que cuida de crianças enquanto as mães trabalham.

Muitos são os desafios para oferecer principalmente nas instituições públicas, a oferta de ensino na modalidade creche, os problemas vão desde a falta de vagas a problemas de estrutura, e profissionais qualificados. Algumas vezes a função de cuidar acaba exercendo um papel maior que o de educar.

3.2 A Constituição da Identidade Profissional do Professor da Creche.

De acordo com o Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL, 1998), a prática educativa nas creches deve garantir de maneira integrada, o acesso a educação e aos cuidados, visto que, ambos são essenciais para contribuir com o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 3 anos.

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores. (BRASIL, 1998, v.1, p.23).

Embora se afirme que não deve haver diferenciação e hierarquização entre os professores que atuam na educação infantil e aqueles que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é notório que para a sociedade o trabalho desenvolvido pelos professores da Educação Infantil, especialmente os que atuam em creches é menos valorizado ou de certa forma depreciado. Mesmo com as transformações ocorridas na sociedade no decorrer dos anos, ainda é possível perceber que o termo assistencialismo é relacionado com a educação oferecida nas creches. O professor que atua na creche é visto como alguém que cuida das crianças enquanto as mães trabalham. O Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL, 1998) ressalta que:

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (BRASIL, 1998, p.17).

Segundo Nacarato et al. (1998) historicamente se construiu a imagem do professor como alguém que dá aula, fortalecendo a imagem de doação e ocultando o papel de profissional. “A força da ideologia impõe limites para se entender o(a) professor(a) como profissional que constrói/produz saberes profissionais. Essa imagem – de alguém que doa – foi historicamente e socialmente construída”. (p.77). Nos primórdios da sociedade, a educação era privilégio de poucos. A igreja estava estreitamente ligada com a educação, quando se acreditava que o povo necessitava apenas da iniciação religiosa. A educação era voltada para os conhecimentos religiosos e as aulas eram ministradas pelo clérigo. A imagem do professor como alguém que possui características missionárias e vocação para doação acabou gerando a ideologia de trabalho voluntário ocultando o papel de profissional. A partir do processo de urbanização e industrialização ocorreu o aumento do número de escolas e conseqüentemente do número de professores e de alunos. A expansão do ensino favoreceu o aparecimento do professor assalariado, com a desvalorização da profissão, os professores autônomos deram lugar aos professores assalariados. O processo de urbanização e industrialização possibilitou novas oportunidades de trabalho, com melhor remuneração e maiores chances de ascensão. Provocando a saída dos homens do magistério, com isso, houve um aumento quantitativo do número de mulheres no magistério devido a necessidade de expandir a educação para um número maior de pessoas, o governo passou a contratar mulheres para exercer a profissão oferecendo baixa remuneração. (NACARATO et al., 1998).

A questão de gênero na área da pedagogia também reforça a imagem de doação no magistério, principalmente na Educação Infantil. Não é comum encontrarmos pedagogos, e os poucos homens que seguem nessa profissão costumam atuar no ensino médio, superior, ou anos iniciais do Ensino Fundamental, onde continuam sendo minoria. Nas turmas de Educação Infantil, principalmente nas creches, o corpo docente é formado por pedagogas, o que reforça a relação do professor como alguém que cuida, que possui habilidades femininas e instinto maternal. As creches surgiram da necessidade das mães terem onde deixar seus filhos para poderem trabalhar. Para isso era necessário um profissional que cuidasse e educasse as crianças na ausência das mães, isso gerou a ideia de substituição, ou seja, a sociedade construiu a imagem da professora da creche como alguém que substitui as tarefas que eram realizadas pelas mães. Nacarato et al. (1998) ressalta que:

Essa imagem, aliada ao caráter vocacional missionário, intensifica-se com o processo de feminização do magistério, pois as características “intrínsecas” à mulher – instinto maternal, docilidade, submissão e habilidades femininas – possibilitaram a sua inclusão/aceitação no trabalho docente, não sendo consideradas como características que constituem um profissional. (NACARATO et al., 1998, p. 77-78)

Historicamente se construiu a imagem do professor como sendo um profissional do sexo feminino. As instituições de ensino, principalmente da Educação Infantil, tende a optar por mão-de-obra feminina. Fortalecendo a ideologia de que o professor da Educação Infantil deve possuir habilidades femininas e instinto maternal.

Mesmo depois de a Educação Infantil ter sido inserida na Educação Básica, e com a legislação que determina a Educação Infantil como direito da família, e dever do Estado em oferecer esse serviço, a sociedade continua relacionando o termo creche como um serviço assistencialista.

3.3 Orientações Curriculares para Educação Infantil

A Lei 9394/96 (BRASIL,1996) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica que tem a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Após a Educação Infantil integrar a educação básica, e diante da necessidade de um documento para contemplar os objetivos e as finalidades para essa faixa etária específica, foi elaborado O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) no intuito de contribuir com a organização dos objetivos e finalidades da Educação Infantil e direcionar o trabalho do educador na sua prática diária. Neste documento estão organizados conteúdos, objetivos, finalidades e orientações gerais sobre a prática educativa para crianças de zero a três anos e para crianças de quatro a seis anos. Os conteúdos que norteiam a Educação Infantil são relacionados às seguintes temáticas: Movimento, Música, Artes visuais, Matemática, Linguagem Oral e Escrita e Natureza e Sociedade.

3.4 O Educar e o Cuidar Presentes no mesmo Espaço Educacional: a prática docente do professor da creche.

A organização metodológica de tempo e espaço é fundamental para conciliar o educar e o cuidar. O ambiente duplo deve oferecer o conforto compatível com a faixa etária, ao mesmo tempo deve favorecer a prática educativa. As crianças passam aproximadamente dez horas diárias na creche, os educadores precisam conciliar atividades como: o horário da chegada, a alimentação, a higiene, as brincadeiras e as atividades pedagógicas. Sendo que todas as atividades devem favorecer experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação e a interação com outras pessoas. Sempre levando em consideração as necessidades específicas de cada faixa etária (BARBOSA e HORN 2001).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998).

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, v.1, p.23).

Na creche as vivências em grupo é algo constante, quase tudo é realizado de forma coletiva; o banho, as refeições, as brincadeiras, a hora do descanso, enfim, tudo gira em torno de uma rotina pré-definida para aquele grupo.

A rotina estrutura a vivência do grupo, fazendo-o acontecer. Assim, são organizados os tempos, os espaços, as atividades, as situações, estabelecendo uma referência ao grupo e segurança e autonomia às crianças. A rotina que é a base do grupo, não deve ser rígida e sim flexível (ZANINI e LEITE, 2012, p.82).

O educador deve estar preparado para mediar as relações em grupos, favorecendo que a criança perceba-se integrante do grupo e ao mesmo tempo preserve sua identidade individual, que mesmo fazendo parte de um grupo ela saiba que é um ser único. Com relação a ação do educador.

Zanini e Leite (2012) ressaltam que:

Considerando o grupo como uma construção, é essencial que o educador esteja sempre presente e atento; que crie uma rotina viva, pulsando seus desejos e os desejos das crianças que mantenham constância com comprometimento (ZANINI e LEITE, 2012, p.83)

A forma como se constitui a rotina, e a mediação do educador, são essenciais para manter o equilíbrio do grupo e favorecer as relações de forma harmoniosa. O professor da Educação Infantil precisa ter consciência de que todas as atividades desenvolvidas no ambiente escolar devem contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

A adaptação é um dos grandes desafios enfrentados pelos educadores, especialmente no início do ano letivo. As crianças precisam adaptar-se a um ambiente novo, diferente do ambiente doméstico com pessoas inicialmente desconhecidas. Para favorecer essa adaptação é essencial que o ambiente seja acolhedor.

Este novo espaço, diferente do ambiente doméstico, com uma rotina específica, com pessoas com as quais a criança nunca teve contato, deve ser sentido como prazeroso e não como algo ameaçador e desconfortável. (FELIPE, 1998, p. 11 e 12).

O processo de adaptação não deve ser visto como algo inerente somente a criança, os educadores também precisam adaptar-se, assim como os familiares das crianças. Educadores e pais devem favorecer uma adaptação gradativa que respeite o ritmo próprio de cada criança.

3.5 A Afetividade Presente na Relação Professor e Aluno.

Segundo Cunha (2008) o afeto na educação não é nenhuma nova teoria pedagógica. É algo que acompanha o homem desde o nascimento da sua história. O afeto é um conjunto de sentimentos e emoções que nos move na interação com a vida. Porém, o afeto por vezes passa despercebido nas relações humanas, apesar dele ser o responsável por essas relações. As emoções vividas no campo do sentimento são responsáveis por trazer experiências reais, que podem ser boas ou ruins. Essas experiências se tornarão lembranças de momentos que fizeram parte da nossa história. “Não é somente a dor que sentimos, ou a felicidade que queremos

dar. Trata-se de tudo isso junto, movendo nossas mentes, sentimentos e emoções na complexidade do nosso ser na interação com a vida". (CUNHA, 2008, p.16). O afeto está presente em todos os momentos de nossa vida, em todas as relações humanas existe uma relação de afeto, e envolve tanto os sentimentos bons, quanto os sentimentos ruins. Contudo, quando o afeto resulta da prática do amor se torna uma relação de amorosidade.

Na sua definição etimológica, o afeto é neutro. Pode exprimir um sentimento de agrado ou desagradado em diferentes graus de complexão; disposição de alma, que tanto pode revelar amor ou ira. O afeto, entretanto, quando resulta da prática do amor, torna-se amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento à consciência. (CUNHA, 2008,p.16).

O afeto presente nas relações que envolvem professores e alunos, tem profunda influência no desenvolvimento infantil e, é através dele que criam-se vínculos de confiança, que se transformam em estímulos para a aprendizagem.

Para Freire (1996) ensinar exige querer bem aos educandos e a prática educativa. O professor deve estar preparado para vivenciar esse afeto, sabendo que a afetividade não deve interferir na sua autoridade de professor.

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa que participo [...] (FREIRE, 1996, p.159).

A afetividade apesar de estar presente em todos os momentos da vida do ser humano é na infância que ela ganha um papel essencial para o desenvolvimento emocional. A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento emocional e afetivo da criança. Cunha (2008) contribui dizendo:

A escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O professor que não considerar os aspectos sociais e humanos da sua atribuição correrá o risco de não ser bem-sucedido. O aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento. A primeira evidência desse aferimento estará na manifestação do seu desejo, pelo qual expressará sua humanidade e o caminho para atraí-lo (CUNHA, 2008, p.41).

O professor precisa ter a consciência que não é só o aluno que precisa vivenciar esse afeto,o professor também tem essa necessidade. É importante que o

professor compreenda a importância do afeto, especialmente quando se trata de crianças pequenas que ainda estão descobrindo como lidar com os sentimentos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Observações

Concentrei a observação em quatro turmas específicas, por serem as turmas das quatro professoras que participaram das entrevistas, as turmas observadas foram: Infantil I A, Infantil I B, Infantil II A e Pré I A. Observei questões referentes as características dos alunos, rotina adotada pela creche, trabalho desenvolvido pelas professoras e suas respectivas auxiliares, e o espaço estrutural das salas de aula. Conforme quadro I, a seguir.

Quadro I - Características das turmas observadas.

Infantil I A

Numero de alunos	15 alunos
Turno	Integral (das 07:00 às 17:00)
Responsáveis pela turma	1 pedagoga e 1 cuidadora (no turno da manhã); 1 pedagoga e 1 estagiária(no turno da tarde).
Sala de aula	<ul style="list-style-type: none"> • Sala ampla, decorada com desenhos coloridos; • Bem ventilada, com solário e banheiro. • Não existem carteiras ou mesas para realização de atividades; • Existem berços e colchões para o descanso das crianças.
Rotina	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho procura seguir a rotina pré estabelecida pela coordenação da creche; • As atividades pedagógicas e os cuidados com a higiene e a alimentação são feitos de acordo com os horários estabelecidos pela rotina. (podendo ser flexíveis se houver necessidade); • As crianças fazem três refeições diárias(café da manhã, almoço e lanche da tarde), as refeições são feitas no refeitório, com todos os alunos da creche no mesmo horário; • Tomam banho e escovam os dentes 2 vezes ao dia. (Ou sempre que houver a necessidade).
Características dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tem entre 1 e 2 anos de idade; • Todos já caminham com segurança; • Alguns conseguem se alimentar sozinho, outros precisam de ajuda; • Alguns falam frases completas, outros apenas algumas palavras. • Ainda usam fraldas; • Apresentam bom relacionamento com os

	colegas; • São cheios de energia e disposição.
Atividades pedagógicas que costumam ser desenvolvidas	• Musicalização; • Contação de história; • Atividades recreativas; • Pinturas

Acervo da autora.

Infantil I B

Numero de alunos	16 alunos
Turno	Integral (das 07:00 às 17:00)
Responsáveis pela turma	2 estagiárias (no turno da manhã); 1 pedagoga e 1 estagiária(no turno da tarde).
Sala de aula	Sala ampla, decorada com desenhos coloridos e Sala bem ventilada, com solário, banheiro e espaço separado para o descanso das crianças, onde existem colchões para as crianças dormirem; Não existem carteiras ou mesas para realização de atividades.
Rotina	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho procura seguir a rotina pré estabelecida pela coordenação da creche; • As atividades pedagógicas e os cuidados com a higiene e a alimentação são feitos de acordo com os horários estabelecidos pela rotina.(podendo serem flexíveis se houver necessidade; • As crianças fazem três refeições diárias(café da manhã, almoço e lanche da tarde), as refeições são feitas no refeitório, com todos os alunos da creche no mesmo horário; • Tomam banho e escovam os dentes 2 vezes ao dia. (Ou sempre que houver a necessidade).
Características dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tem entre 1 e 2 anos de idade; • Todos já caminham com segurança; • Alguns falam frases completas, outros, apenas algumas palavras; • Alguns já conseguem se alimentar sozinho, outros necessitam de ajuda; • Ainda usam fraldas; • Apresentam bom relacionamento com os colegas; • São cheios de energia
Atividades pedagógicas que costumam ser desenvolvidas	<ul style="list-style-type: none"> • Musicalização ; • Contação de história; • Atividades recreativas. • Pinturas

Acervo da autora.

Infantil II B

Numero de alunos	16 alunos
Turno	Integral (das 07:00 às 17:00)
Responsáveis pela turma	1 pedagoga e 1 estagiária (no turno da manhã); 1 pedagoga e 1 estagiária(no turno da tarde).
Sala de aula	Sala ampla, decorada com desenhos coloridos e atividades realizadas pelas crianças. Sala bem ventilada, com solário, banheiro e espaço separado para o descanso das crianças, onde existem colchões para as crianças dormirem. Existem cadeiras e mesas para realização de atividades.
Rotina	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho procura seguir a rotina pré estabelecida pela coordenação da creche; • As atividades pedagógicas e os cuidados com a higiene e a alimentação são feitos de acordo com os horários estabelecidos pela rotina.(podendo serem flexíveis se houver necessidade; • As crianças fazem três refeições diárias (café da manhã, almoço e lanche da tarde), as refeições são feitas no refeitório, com todos os alunos da creche no mesmo horário. • Tomam banho e escovam os dentes 2 vezes ao dia. (Ou sempre que houver a necessidade).
Características dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tem entre 2 e 3 anos de idade. • Todos já caminham e correm com segurança. • Todos conseguem se alimentar sozinho. • Todos já falam frases completas, • A maioria não usa mais fraldas; • Apresentam bom relacionamento com os colegas; • São cheios de energia e disposição.
Atividades pedagógicas que costumam ser desenvolvidas	<ul style="list-style-type: none"> • Musicalização ; • Contação de história; • Atividades para desenvolver a coordenação motora fina; • Pinturas; • Atividades recreativas.

Acervo da autora.

Pré I A

Números de alunos	15 alunos
Turno	Vespertino (13: 00 às 17:00)
Responsável pela turma	1pedagoga; 1 estagiário para acompanhar um aluno com deficiência.
Sala de aula	<ul style="list-style-type: none"> • Sala pequena, porém, bem arejada; • Decorada com diversos materiais, • Pedagógicos e bem colorida;

	<ul style="list-style-type: none"> • Não tem banheiros na sala; • Possui carteiras, quadro branco
Rotina	<ul style="list-style-type: none"> • A turma tem sua própria rotina; • Não tomam banho na creche; • Fazem apenas uma refeição(lanche da tarde), no mesmo horário que os demais alunos da creche; • Escovam os dentes após o lanche.
Características dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tem entre 4 e 5 anos; • São atentos e bem comportados; • Sabem se expressar muito bem; • Um dos alunos tem paralisia cerebral (os colegas interagem muito bem com ele). • São bem ativos e alegres.
Atividades pedagógicas que costumam ser desenvolvidas.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da coordenação motora fina; • Noções de tempo e espaço; • Contação de história; • Dramatização; • Musicalização.

Acervo da autora.

4.1.1 Análise das observações.

De acordo com as observações, percebi que a prática educativa, concilia o cuidar e o educar de forma indissociável, porém, as turmas com faixa etária menor, o tempo disponibilizado para os cuidados é superior, se comparados com as turmas com faixa etária maior. Isso se deve por questões naturais do desenvolvimento infantil, quanto mais nova a criança for, mais ela precisará de cuidados. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL,1998) .

Quanto menor a criança, mais ela precisa de adultos que interpretem o significado de seus movimentos e expressões, auxiliando-a na satisfação de suas necessidades. À medida que a criança cresce, o desenvolvimento de novas capacidades possibilita que ela atue de maneira cada vez mais independente sobre o mundo à sua volta, ganhando maior autonomia em relação aos adultos. (BRASIL,1998,p.18).

Mesmo contando com a ajuda de auxiliares e estagiárias, as professoras participam das atividades referentes aos cuidados (troca de fraldas, banho, alimentação etc.). O trabalho ocorre em parceria entre professoras e auxiliares, numa relação profissional, de respeito e cordialidade. As crianças apresentam um bom relacionamento com os colegas, são ativas e alegres, denotam uma ótima

adaptação a rotina e as vivências em grupo. Participam das atividades desenvolvidas, principalmente, as que envolvem brincadeiras e músicas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL,1998) ao brincar a criança amplia seus conhecimentos por meio das conversas e discussões que venham a acontecer durante a interação com as demais ou ainda, quando está só, através de sua própria imaginação. O ato de brincar é um importante momento de interação e aprendizagem. Uma das características das crianças é o movimento, elas gostam de se movimentar, e esse movimento é fundamental no seu desenvolvimento. Cabe ao professor, organizar e orientar as atividades lúdicas de forma que os alunos possam vivenciar as brincadeiras de forma prazerosa e significativa. Com relação à importância do movimento, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL,1998) ressalta que:

É importante que o trabalho incorpore a expressividade e a mobilidade próprias às crianças. Assim, um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, mas sim um grupo em que os vários elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades propostas. Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, e sim como uma manifestação natural das crianças. Compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações da motricidade infantil poderá ajudar o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças. (BRASIL,1998, p. 19),

A música também deve fazer parte da prática cotidiana na Educação Infantil, pois, além de trabalhar a linguagem oral, é um importante momento de socialização. Quando as crianças cantam juntas existe uma sintonia de pensamentos e ações. O Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL,1998) afirma que:

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL, 1998, p.45).

É importante atribuir significados ao ato de cantar, para que este funcione como fonte de aprendizagem, permitindo que a criança amplie suas capacidades cognitivas.

Segundo as orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a ludicidade é essencial na prática pedagógica, da Educação Infantil, pois, através dela, é possível abordar o conteúdo de forma mais atraente e participativa. Dentre as possíveis formas de trabalho lúdico, a música é sem dúvidas uma grande aliada da prática educativa, especialmente na creche. Através da música, é possível trabalhar a linguagem oral de forma lúdica. A linguagem oral facilita a inserção do indivíduo nas práticas sociais ao longo da vida.

A creche conta com um bom espaço físico, o que permite desenvolver diversas atividades fora da sala de aula, principalmente brincadeiras ao ar livre. As crianças acompanham bem as atividades desenvolvidas, o lúdico é a principal ferramenta utilizada nos processos de ensino aprendizagem. Diante de todo o contexto observado, percebi que a creche desenvolve um trabalho de grande relevância para as crianças daquela comunidade.

4.2 As Entrevistas

Realizei as entrevistas de forma individual, usei o mesmo questionário com oito perguntas abertas que funcionaram como temas geradores para a discussão. Gravei todo o conteúdo das entrevistas para posterior análise dos áudios. A forma que utilizei para analisar os áudios, foi através da transcrição para o papel, de todo o conteúdo das entrevistas. Tarefa esta, que envolve disponibilidade de tempo e muita disposição do pesquisador. Lüdke e André(2012) ressaltam que:

Essa operação é bem mais trabalhosa do que geralmente se imagina, consumindo muitas horas e produzindo um resultado ainda bastante cru, isto é, onde as informações aparecem num todo mais ou menos indiferenciado, sendo difícil distinguir as menos importantes daquelas realmente centrais. Será necessária uma comparação desse material com a gravação para se estabelecer as prioridades, com o auxílio, é claro, da memória do entrevistador (LÜDKE e ANDRÉ, 2012, p.37).

Após transcrever todos os áudios, procurei distinguir as informações centrais, para isso, li o material diversas vezes, fazendo relações com os áudios e com o foco principal da pesquisa.

Segundo Lüdke e Andre (2012) o pesquisador deve destacar os principais achados da pesquisa. O primeiro passo, para a organização do conteúdo é a construção de categorias conceituais, para isso se faz necessário ler e reler o

material até conseguir distinguir com clareza os conteúdos. “Essas leituras sucessivas devem possibilitar a divisão do material em seus elementos componentes, sem contudo, perder de vista a relação desses elementos com todos os outros componentes” (p.48). Para organizar os conteúdos o pesquisador pode utilizar uma codificação (como por exemplo, letras, números, símbolos), para facilitar a organização do conteúdo, segundo os conceitos emergentes.

Na realização desta pesquisa utilizei números para separar o conteúdo, selecionei de acordo com os temas referentes aos questionamentos que realizei, através das perguntas abertas.

Para a análise do conteúdo das entrevistas utilizei a análise dos Núcleos de Significação, segundo Aguiar e Ozella, 2013. Inicialmente selecionei os pré-indicadores, após leitura flutuante da fala das entrevistadas. Para Aguiar e Ozella, (2013)

Os pré-indicadores são, portanto, trechos de falas compostos por palavras articuladas que compõe um significado, carregam e expressão a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem. (p.309).

Após encontrar os pré-indicadores, é preciso verificar as informações que melhor definem a compreensão do objeto de estudo, para isso é preciso juntar as informações e encontrar os indicadores, que serão os norteadores para a construção dos núcleos de significação. “Os núcleos devem ser construídos de modo a sintetizar as mediações constitutivas do sujeito; mediações essas que constituem o sujeito no seu modo de pensar, sentir e agir”. (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 310). A construção dos Núcleos de significação é um importante momento de interpretação, onde o pesquisador deve identificar os pontos centrais e fundamentais a serem analisados na sua pesquisa.

Quadro II - Uma breve identificação das professoras entrevistadas.

Professora A	Iniciais R.G.S., 46 anos
	Trabalha na docência há 27 anos.
	Graduada em pedagogia e pós- graduada em psicopedagogia.
	Professora efetiva da rede Municipal de Nossa Senhora do Socorro e da rede municipal de Aracaju.
	Professora do Pré I Turma A, no turno vespertino

Professora B	Iniciais C.S., 49 anos.
	Trabalha na docência há 26 anos e está na creche há 3 anos.
	Graduada em pedagogia e pós- graduada em Atendimento Educacional Especializado (AEE).
	Professora efetiva da rede Municipal de Nossa Senhora do Socorro
	Professora do Infantil I ,turma A, Turno vespertino.
Professora C	Iniciais M.N., 70 anos .
	Trabalha na docência há 40 anos e está na creche há 2 anos.
	Graduada em pedagogia
	Professora efetiva da rede Municipal de Nossa senhora do Socorro.
	Professora do Infantil I, turma A, turno vespertino.
Professora D	Iniciais M.A., 52 anos.
	Trabalha na docência há 35 anos e está na creche há 1 ano.
	Graduada em pedagogia.
	Professora efetiva da rede Municipal de Nossa senhora do Socorro e professora aposentada da rede estadual.
	Professora do Infantil II , turma A,turno vespertino.

Acervo da autora.

4.2.1 Núcleos de significação

De acordo com Aguiar e Ozella, (2013) os Núcleos de Significação resultam da aglutinação dos indicadores e seus respectivos conteúdos. Os núcleos expressam os pontos centrais da pesquisa. Através do processo de articulação entre os indicadores e os conteúdos, surge a nomeação dos núcleos e inicia-se o processo de organização dos núcleos de significação.

Espera-se, nesta etapa, um número reduzido de núcleos, de modo que não ocorra uma diluição e um retorno aos indicadores. É neste momento que efetivamente avançamos do empírico para o interpretativo (apesar de todo o procedimento ser, desde o início da entrevista, um processo construtivo/interpretativo). Os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que tragam implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente e que revelem as determinações constitutivas do sujeito. (AGUIAR e OZELLA, 2013,p.310)

A análise dos Núcleos de significação inicia-se a partir da articulação e interpretação dos relatos, buscando dar significado aos conteúdos, geralmente o

processo de análise dos núcleos explicitará semelhanças ou contradições entre os conteúdos dos indicadores. “Tais contradições não necessariamente estão manifestas na aparência do discurso, sendo apreendidas a partir da análise e interpretação do pesquisador”.(AGUIAR e OZELLA, 2013,p.311). O pesquisador deve possuir uma sensibilidade que permita analisar e interpretar os conteúdos de forma a construir significados que não alterem a veracidade dos fatos.

Definida a nuclearização dos significados como metodologia para a análise e interpretação dos dados, busquei articular o que foi desvelado por cada uma das professoras entrevistadas, dialogando, identificando e problematizando os muitos conteúdos obtidos através de suas falas. Relatos que trouxeram mais que palavras, trouxeram emoção, sentimentos e muito aprendizado. Durante toda a análise e interpretação dos dados, mantive o conteúdo das falas das professoras sem realizar nenhuma interferência, garantindo a fidedignidade dos conteúdos das entrevistas.

Quadro III – Núcleos de significação e seus respectivos indicadores finais.

NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO	INDICADORES FINAIS.
TRABALHO DO PROFESSOR	<ul style="list-style-type: none"> • A prática docente. • Auto reconhecimento profissional • Constituição da identidade profissional
O PEDAGOGO DA CRECHE DIANTE DA SOCIEDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Desvalorização no meio profissional. • Reconhecimento da sociedade. • Relação pais e professoras.
ENSINO INTEGRAL	<ul style="list-style-type: none"> • Rotina da creche. • Cuidar e educar de forma indissociável
AFETIVIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Relação professoras e alunos. • Amor pela profissão.

Acervo da autora.

4.2.2 Análise e interpretação das entrevistas por intermédio dos núcleos de significação.

Núcleo I: Trabalho do Professor.

a) A prática docente

O primeiro núcleo a ser analisado, é referente ao trabalho do professor, e as questões que envolvem a prática docente desenvolvida na creche. Questionadas se sentiram alguma dificuldade de adaptação quando foram trabalhar na creche, a professora A, respondeu que não sentiu dificuldade, devido a ter participado de um curso de capacitação, e citou a importância dos cursos para conhecer melhor como ocorre a prática educativa realizada nas creches e contribuir com a sua qualificação profissional.

Logo no início, como houve um curso de aperfeiçoamento, nós tivemos, eu tive. Foi em 2015, nós participamos. Então, isso veio facilitar. Facilitou bastante! Porque realmente, quando a gente vai, já sabe que vai trabalhar com determinada faixa etária. A gente já fica pensando: Meu Deus como é que eu vou desenvolver! Mas, de acordo com esse curso que foi dado, isso nos deixou mais tranquilas, em relação a esse trabalho. Professora A).

As professoras B, C e D, disseram que não sentiram dificuldade, mas, não citaram a participação em cursos de aperfeiçoamento.

Não, não senti dificuldade nenhuma, porque eu já sei como é a rotina de uma creche. Já conhecia, porque já trabalhei em outras creches. Não tenho dificuldade, não. (Professora B).

Não senti dificuldade. Eu trabalho com a educação há 40 anos, e estou na creche há 2 anos. Foi uma experiência, eu nunca tinha trabalhado em creche, e essa foi uma coisa que eu amei. Há mais tempo eu tivesse vindo para creche, porque é uma coisa nova [...] (Professora C).

Não, não senti dificuldade. Foi tranquilo. (Professora D).

Com relação a trabalhar com crianças de faixa etária pequena, diante das especificidades que envolvem esses alunos, a professora “A”, falou sobre a importância de o professor reconhecer, que a faixa etária atendida na creche, requer muita disposição do profissional, também falou da importância de trabalhar a

identidade da criança. A professora D, destacou que o pedagogo da creche participa do processo de desenvolvimento e da formação integral da criança.

[...] Você tem que ter muita energia para lidar com essa faixa etária, que a gente trabalha, né!? Porque tem que ter saúde e muita energia para trabalhar com esse público [...].

[...] Eles ainda não têm a coordenação motora, que a gente trabalha bastante [...]

[...] Você tá lidando com um público, que tá começando a descobrir. Trabalhando a questão da identidade dessa criança. (Professora A).

[...] Porque a gente está participando de um momento da criança,... Da formação total dela. A formação do saber, a formação dos valores, das atitudes. O pedagogo de creche, ele participa de tudo! A gente vê aqui, a criança que chega aqui, que não sabe andar, a professora participa desse momento. Do saber falar [...]. (Professora D).

Sobre a importância de trabalhar a identidade e a formação dos valores e das atitudes, durante a infância, citado pelas professoras. Cória-Sabini (2006) ressalta que:

A formação de atitudes implica, entre outras coisas, na internalização de proibições e normas socialmente sancionadas. O indivíduo não passa a vida inteira considerando as regras disciplinares como algo imposto de fora. Embora inicialmente elas sejam impostas à criança pelos pais e outros agentes socializadores, elas passam posteriormente a ser guias internos de conduta. Em outras palavras, o controle externo é substituído pelo autocontrole. (CÓRIA-SABINI, 2006, p.63).

As professoras A e C, destacaram a importância do professor participar do processo de aquisição da linguagem das crianças.

[..] Porque você pegar uma criança que não sabe nem falar ainda. As primeiras palavras, a maioria delas vem começar a falar aqui [...]
(Professora A)

[...] E se você trabalha com eles, dando confiança, dando espaço a eles para falar... ouvindo. É importante isso para a criança [...]
(Professora C).

Segundo Santos e Farago (2015), a linguagem oral facilita a inserção do indivíduo nas práticas sociais ao longo da vida. O desenvolvimento da linguagem oral começa com os primeiros sons emitidos pelos bebês, e se desenvolve no decorrer da infância. É importante estimular desde cedo a comunicação oral. As crianças desde que nascem dispõem de uma inteligência própria que orienta suas

ações. Com as interações e os diálogos estabelecidos com outras pessoas, as crianças desenvolvem a inteligência denominada inteligência verbal, essa inteligência é guiada pela linguagem agindo sobre as ideias.

De acordo com Cória-Sabini (2006):

Quando a criança adquire a linguagem, ela entra em um mundo inteiramente novo de coisas a aprender e compreender, tornando-se capaz de lidar com suas experiências e com o meio ambiente de novas maneiras.(CÓRIA-SABINI,2006, p.54).

É muito importante que as professoras tenham consciência de sua participação no processo de aquisição da linguagem das crianças, assim, serão agentes facilitadores dessa aquisição, através de atividades pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento da linguagem oral na Educação Infantil.

b) Auto reconhecimento profissional.

Todas as professoras entrevistadas, no momento que eu perguntei como elas se reconhecem como profissionais, responderam destacando a satisfação com o trabalho que realizam.

Uma pessoa responsável, Comprometida com o que faz, que busca sempre o melhor para o aluno. É isso! (Professora A).

Eu me sinto uma pessoa capaz, competente. Gosto do que faço [...] (Professora B).

Eu me sinto realizada! Feliz com o que eu faço. Primeiro porque eu amo [...] (Professora C).

Competente, comprometida, que gosta do trabalho. (Professora D).

Sobre o comprometimento com a docência, citado pela professora A, e a competência profissional, citada pelas professoras B e D, Freire (1996), afirma que:

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funde na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar a altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. (FREIRE, 1996, p.102 e 103.).

A competência profissional e o compromisso com a profissão são fundamentais para legitimar a autoridade do professor. Ter consciência sobre a prática que desenvolve, permite que o professor possa se auto avaliar, e sempre que for necessário buscar formas de melhorar sua prática.

c) Constituição da identidade profissional

As professoras foram unânimes, quando questionadas sobre, o cuidar e educar de forma indissociável e a constituição da identidade profissional. Todas disseram que em momento algum deixaram de se reconhecerem como professoras, por exercer a prática de cuidar e educar de forma indissociável. Todas as professoras responderam que essa questão, não interfere na constituição da identidade profissional delas.

Não! Não, porque a partir do momento que você se coloca como profissional, um pedagogo dessas faixas etárias, você já vem trazendo com você justamente toda essa questão da afetividade, do cuidar. Tudo isso vai ter que existir. É uma faixa etária totalmente diferenciada das outras [...]. (Professora A).

Não! Não interfere não. A gente cuida. A gente educa, faz parte do nosso trabalho de pedagoga da creche [...]. (Professora B).

Não! Não interfere não. Não tem como interferir. É só saber dosar. Você vai mostrar o que é educar, e o que o respeito deles pelo profissional. Não vai interferir em nada. Nós sabemos trabalhar, sabemos o limite. Trabalhando certo não tem nada de interferência, não [...] (Professora C).

Não interfere, não. Eu acredito no meu trabalho! Meu pensamento é esse, que não atrapalha [...] (Professora D).

Todas as professoras afirmaram que a constituição da identidade profissional, está relacionada com a forma que elas se comportam como profissionais. E que cuidar e educar de forma indissociável faz parte do trabalho dos pedagogos da creche.

Para Oliveira et al. (1992) a constituição da identidade do educador de creche, se desenvolve pelas interações que os educadores estabelecem com os sujeitos que fazem parte desse trabalho.

O educador de creche também se constitui enquanto tal, nas relações e interações que estabelece tanto com as crianças, como com as famílias e com os outros profissionais da instituição. Ele vai se constituir de forma diferente conforme perceba o seu papel na creche e junto às crianças. Assim, poderá se ver como alguém que apenas “cuida” e “toma conta” das crianças ou como alguém que contribui ativamente para o desenvolvimento das mesmas. (OLIVEIRA et al. 1992, p.32).

O comportamento apresentado pelo profissional, será responsável tanto pela visão que ele construirá diante dos sujeitos que fazem parte desse trabalho, como também, para a constituição de sua própria identidade profissional.

Núcleo II: O pedagogo da creche diante da sociedade.

a) Desvalorização no meio profissional.

Questionei se no decorrer da carreira profissional, elas perceberam algum tipo de desvalorização no meio profissional, com relação aos professores atuantes na creche e os professores das escolas. A professora A, disse que ela como profissional nunca sentiu nenhum tipo de desvalorização, porém, citou que essa desvalorização existe, e responsabilizou a Secretaria de Educação como sendo uma incentivadora dessa desvalorização.

Eu, enquanto profissional, não sinto! Eu não sinto, mas existe! Existe porque geralmente, até a própria Secretaria de Educação. Eles colocam o que!? Aqueles profissionais que já estão em fim de carreira. O que eles fazem? Colocam para a creche, então, quando eles próprios fazem isso, então, estão deixando claro que esses profissionais que já estão em fim de carreira, que já estão próximos de se aposentar, já estão cansados! Então vão ficar justamente na creche, porque é como se fosse um local de descanso para o professor. Quando na verdade não é! O problema da creche é justamente esse! [...] (Professora A)

A professora “B” limitou-se a responder que nunca sentiu, nem percebeu nenhum tipo de desvalorização. A professora “C” disse que apesar dela respeitar todos os colegas de profissão, independente da escola que atuam ou do grau de formação, ela percebe que alguns colegas de profissão se acham superiores, por trabalharem com crianças maiores. Ela citou também o preconceito que alguns estagiários sofrem no início da carreira, por parte de diretores e professores.

Não. Não acho! Nunca senti. (Professora B).

Olhe! Nem todos. Porque o mundo é assim! Nem sempre é igual. Existem muitos que não dão valor! Se sente! “Ah, eu trabalho Com o Ensino Fundamental, meu nível é outro!” Existe esse lado. Meu nível é outro! Eu também respeito ele, da forma que ele quer ver o mundo. Porque quem sou eu pra dizer assim... Ele tem que pensar igual a mim? Não! Eu entendo todo mundo. Eu sou assim mesmo, é meu jeito de ser! [...] E os profissionais, meus colegas, eu considero, respeito e amo todos por igual [...] Seja ele, tenha ele, o nível que for; superior, doutorado, eu tenho o mesmo respeito, daquele que está iniciando agora. Eu tenho respeito até por aquele que tá começando... Eu vejo muitas pessoas, já trabalhei com professor, com diretor, que não tinha respeito pelo estagiário. Eu estou falando isso, porque é assim mesmo. Acho que você já sentiu isso! Não tinha valor! [...] Eu considero que o estagiário já é um professor. O que o estagiário precisa é de uma forcinha, nossa. É só isso! Ele vai ser. Se ele encontra apoio, encontrar amor. Ele vai ser um profissional tão bom, no mundo. É isso que você tem que fazer. É uma sementinha que tá ali iniciando. Coitados, Né!? Com o coração aberto para receber [...] (Professora C).

Já a professora “D”, disse que sente uma desvalorização, principalmente, vinda dos professores que são licenciados por disciplinas específicas.

Tem sim! A gente não pode negar! Tem principalmente, aquele professor que trabalha por área. Ele discrimina demais o professor. Ele subestima o saber da gente, a capacidade do pedagogo, principalmente os que trabalham na creche [...] (Professora D).

As professoras citaram a desvalorização que percebem no meio profissional, vinda da Secretária de Educação e dos colegas de profissão, mas ficou claro através dos relatos que essa questão não interfere no dia a dia delas como profissionais.

Sobre a postura profissional das referidas professoras, Freire (1996) colabora dizendo:

[...] É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento (FREIRE,1996, p.161).

Essa postura profissional apresentada pelas professoras, demonstra o respeito e o comprometimento que elas tem pela educação. Comportamento este, que se faz necessário no exercício da profissão.

b) Reconhecimento da sociedade.

Questionei sobre a percepção das professoras, com relação ao reconhecimento da sociedade diante do trabalho desenvolvido pelos professores de creche, a professora “A”, disse que percebe que a sociedade não tem consciência do trabalho pedagógico desenvolvido na creche. Que a creche é vista apenas como um espaço para cuidar de crianças. A professora “B” disse que não percebe que a sociedade elogia o trabalho que ela desenvolve na creche.

O professor que trabalha na creche, geralmente a visão que a sociedade tem, que é só a questão do cuidar. Essa questão de trabalhar o pedagógico, de trabalhar a questão da leitura e escrita, a sociedade não se dá conta disso. Desse trabalho que é realizado [...] (Professora A).

Eu assim, sou suspeita para falar, mas, eu não vejo esse elogio todo, não! [...] (Professora B).

A professora “C” disse que percebe um respeito da sociedade perante o trabalho realizado pelos professores, e que na opinião dela, não interessa a visão que a sociedade tem, que o importante é o trabalho que ela desenvolve, independente da opinião da sociedade. Destacou também, que alguns profissionais da educação, são preconceituosos com a própria profissão e vivem dizendo que não são valorizados.

Eu vejo a sociedade, que eles têm respeito pelo profissional. A maioria dos profissionais, eles têm um preconceito de dizer que não são valorizados. Você vê isso, né!? “Ah, eu não sou valorizado!” Gente, nós não temos que nos preocuparmos com quem não está dando valor ou não. Se você continua fazendo um bom trabalho, vai chegar um dia que eles irão ver. É a continuação do profissional. Eu sou o que eu sou! Não vou mudar! Só vou mudar para melhor! Porque a sociedade um dia vai me ver! [...] Primeiro você tem que pensar naquele que tá nos dando força para continuar a vida, que é Deus. E a sociedade, nós somos valorizados de todo jeito, porque sem o professor não existiria nada! Toda profissão passou pelo professor! (Professora C).

A professora “D” ao invés de relatar qual a sua percepção com relação ao reconhecimento da sociedade, disse que preferia relatar como ela espera que a sociedade veja o professor. Porém, mais adiante em outra pergunta, acabou relatando sua percepção com relação a visão da sociedade.

Eu! Eu não sei, se é o que eu acho que a sociedade me vê, mas, é o que eu espero que veja. Que o professor é a base de tudo! Eu acho que o pedagogo de creche, embora não seja valorizado, mas, ele tem um papel fundamental! [...] Então, é o que eu espero que a sociedade veja, como fundamental no desenvolvimento das crianças [...] O pedagogo, ele tem um papel fundamental! De extrema importância! Não é só no saber, não! Mas, em tudo! [...] [...] A própria sociedade já tem isso, de não ver a creche como uma instituição que alfabetiza. Não ver! A creche é como um espaço, um depósito. Que bota lá, a criança porque a mãe vai trabalhar e, é uma creche assistencialista. A creche tem isso! Veio historicamente, e a sociedade ainda vê dessa forma. (Professora D).

Para Oliveira et al. (1992) é importante ressaltar que a creche não é uma instituição substituta da família, ou um espaço que as crianças devem ficar apenas para serem cuidadas enquanto os pais estão trabalhando. A creche deve ser vista como uma instituição educacional que contribui com o desenvolvimento das crianças em todos os aspectos.

A creche é um dos contextos de desenvolvimento da criança. Além de prestar cuidados físicos, ela cria condições para o desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional. O importante é que a creche seja pensada não como instituição substituta da família, mas como ambiente de socialização diferente do familiar. Nela se dá o cuidado e a educação de crianças, que aí vivem, convivem, exploram, conhecem, construindo uma visão de mundo e de si mesmas, constituindo-se como sujeitos. (OLIVEIRA et al, 1992, p.64).

Existe um longo caminho a ser percorrido até que a sociedade perceba a relevância do trabalho educacional desenvolvido pelos pedagogos que atuam em creches, contudo, as transformações ocorridas na sociedade no decorrer dos anos, tem contribuído para construir uma identidade educacional, e a visão assistencialista está sendo aos poucos desconstruída.

c) Relação pais e professoras.

A relação dos pais com as professoras é sem dúvida a forma mais próxima de analisar o reconhecimento da sociedade diante do trabalho do pedagogo de creche, pois, os pais dos alunos são os integrantes da sociedade que estão mais próximos dos professores. Sendo assim, as professoras participantes da pesquisa, foram perguntadas, sobre qual a visão que elas acreditam que os pais têm, diante do trabalho que elas realizam. A professora “A” afirmou que os pais que acompanham a vida escolar dos filhos, demonstram satisfação com o trabalho que ela realiza. Também criticou os pais que não se interessam em conhecer e acompanhar o desenvolvimento dos filhos, e o trabalho que é realizado na creche. A professora “D” também afirmou que os pais demonstram satisfação com relação ao trabalho que ela realiza, porém, sente falta de ter mais contato com os pais.

Alguns pais que tem mais contato comigo, aqueles que gostam de conversar. Eles colocam que estão satisfeitos com o trabalho que eu realizo, que ficam até com um certo receio de colocar... Como eu trabalho com a turma de 4 anos, então, eles ficam com receio de como será o desenvolvimento dessas crianças na turma de 5 anos. Aqueles pais que acompanham os filhos direitinho, eles têm essa preocupação. Significa então, que o trabalho que eu estou realizando está satisfazendo os pais. [...]

[...] Muitos pais a preocupação é só que a criança simplesmente venha, e quando eles estão saindo da turma de 3 anos, que é quando eles vão para o Pré, então, muitos pais ficam confusos porque eles acham que a criança vai permanecer o dia todo e, é um choque para eles, quando eles sabem então, que a criança só vai estar um horário na creche, ai muitos acabam tirando da creche e os que ficam são realmente aqueles que acompanham no dia a dia, e sabem o trabalho que está sendo realizado. Esses que tem essa consciência, eles deixam os filhos, agora aqueles que não tem, já tiram porque ficam com raiva, ficam chateados porque achavam que era para ficar horário integral. (Professora A)

Assim, esse ano eu não tive um contato tão frequente com os pais. Só nas reuniões mesmo. Aqueles pais que comparecem, eu percebo uma satisfação com o trabalho que eu realizo. (Professora D).

A professora “B” disse que sente que os pais não valorizam o trabalho que ela desenvolve.

Os pais dos meus alunos desse ano de 2017, nenhum deles, acreditam no profissionalismo da gente! Eles têm a gente como uma empregada! Eu sinto isso! Eles não elogiam o que a gente faz, o nosso trabalho de sala de aula [...] Esse ano eu não recebi um elogio. Eles não elogiam! Eles não têm a gente como profissional! Eles acham... Colocam o filho aqui na creche é para deixar aqui, entregar e pronto! Não observam o aprendizado dele. Apesar deles terem 2 aninhos, mas eles desenvolvem as atividades da maneira deles. Então, eles nem observam os materiais que vão para a casa, as atividades que a gente manda por semestre [...] (Professora B).

De acordo com Felipe (2001) a creche deve informar aos responsáveis pelas crianças, tudo o que ocorre com elas, enquanto estiveram na instituição. A proposta pedagógica que é desenvolvida pela instituição, também deve ser informada, visando uma maior participação de pais e responsáveis. As agendas e cadernetas escolares são importantes ferramentas para manter esse diálogo entre professores e pais. É importante lembrar que os pais precisam acreditar no profissionalismo do professor e respeitar os limites de intervenção.

Tudo o que acontece com a criança no espaço da escola infantil deve ser comunicado aos responsáveis. Estes devem ser chamados a uma maior participação, sempre que necessário. Porém, é preciso estabelecer limites quanto a intervenção dos pais no espaço escolar, pois alguns deles pensam poder mandar em tudo na escola, desrespeitando muitas vezes o trabalho que é ali desenvolvido. Cabe a escola infantil conquistar a confiança e o respeito dos pais, através de um trabalho competente e bem fundamentado pedagogicamente. (FELIPE, 2001, p.33 e 34)

A professora "C", falou da falta de compreensão dos pais com relação a necessidade do professor ter autonomia na prática educativa, mas, destacou que esse comportamento, está relacionado com a falta de informação de alguns pais e com uma visão que se construiu historicamente, como sendo exclusivamente do professor a responsabilidade de educar. Criticou também, a violência praticada por alguns pais, como forma de corrigir os erros dos filhos.

[...] Ser professor não é só alegria, não! É sofrimento também! Vem aqueles pais que não compreendem o lado do professor. “Ah, deu bronca! Ele não é seu pai, não! Não é sua mãe, não! Não é para dar bronca em você, não! Deixou de castigo!? Não pode!” Mas, eles não sabem que aquela criança mereceu aquele castigozinho que a gente deu. A gente não exagera, o castigo de uma criança é ficar ali sentadinho [...]

Tem aqueles pais que por falta de cultura. Veja bem! Por falta de cultura! Eu sei entender todo mundo! Porque eles já foram criados daquela forma, então eles veem assim: O professor tem o dever de tudo! Eu entrego o meu filho e quero receber ele pronto! Que na verdade não é! O professor vai dar continuidade. Quando um pai sabe educar os seus filhos, o professor vai dar continuidade. E talvez dê até mais do que eles recebem em casa. Porque nós somos preparados para isso [...]

[...] E os pais não, quando fala é com grito, com xingamentos, com pancada. Que pancada nunca educou! Se pancada educasse não tinha malandro na rua, porque mais do que eles apanham da polícia, e voltam a fazer a mesma coisa. Então, o professor tem que trabalhar totalmente diferente. (Professora C).

Sobre o dever de educar, a Constituição Federal (BRASIL, 1988) no seu artigo 205, deixa claro que o dever de educar deve ser compartilhado entre a família e o Estado. Sendo assim, a educação não deve ser responsabilizada unicamente a escola.

Art.205 A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

A Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL,1996) no seu artigo 2º reafirma o que determina a Constituição Brasileira, sobre o dever do Estado e da família em garantir a educação e preparar o educando para o exercício da cidadania.

A educação, dever da família e do Estado, inspira nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL,1996).

O dever de educar deve ser compartilhado entre os pais e a escola, de forma que um complemente o outro na perspectiva da formação integral da criança.

Núcleo III: Ensino integral.

a) Rotina da creche.

Ter uma rotina a ser seguida é uma prática que as creches utilizam para organizar as atividades e ajudar na adaptação das crianças. As professoras “A”, “B” e “C”, citaram a rotina sem enfatizar como uma forma de organizar o trabalho, mas como uma forma de adaptação para as vivências em grupo. Levando em consideração que as crianças passam o dia inteiro na creche, elas preferiram citar a rotina diária, como uma ferramenta no desenvolvimento da socialização. E como incentivo para as crianças aprenderem a conviver em grupo, e saberem se comportar em sociedade. A professora “D” não fez colocações sobre a rotina em nenhum momento da entrevista.

[...] A questão do dia a dia de como ela deve se comportar. Porque muitas vezes em casa elas fazem o que querem, e aqui não! De acordo com a rotina que elas vão tendo, elas vão se habituando [...] (Professora A).

[...] as vezes quando eles estão fazendo algo errado a gente diz não pode, né!? Já em casa eles não tem essa mania de ouvir não. Tem uns que tem, né!? Tem uns que tem limites, mas tem outros que não tem. (Professora B).

[...] Não participou da brincadeira direitinho. Empurrou o coleguinha. Maltratou o coleguinha. Não pode! Vai ficar ali sentadinho [...]

[...] Ficou sentadinho de castigo, depois a gente vai lá e diz: Viu, meu filho!? Você ficou de castigozinho porque você errou! Você não pode fazer isso mais! “Sim tia, eu não vou fazer isso mais!” Ele já entendeu! [...]

[...] A bronca tem que existir. Agora você vê, nem tudo você tem que ser aquele rigor, não! Você tem que brincar. Tem que rir pra eles. Tem que fazer com que eles se sintam a vontade [...] (Professora C)

Sobre a importância de desenvolver uma rotina que preze a socialização das crianças, e a forma que elas devem se comportar, citado pelas professoras. É importante ressaltar que mesmo a criança pequena precisa compreender que existem normas de convivência em sociedade. De acordo com Deheinzelin (1994) o pensamento favorece essa compreensão, segundo a autora, mesmo a criança pequena e dependente do adulto por muito tempo, ela tem seu próprio pensamento e, embora o pensamento da criança seja bem diferente do pensamento de um

adulto, é esse pensamento que aos poucos trará a autonomia essencial no desenvolvimento. Também é através do pensamento que a criança constrói o conhecimento, e a consciência do que deve ou não ser feito.

[...] como consequência do nascimento, os homens terão que, pouco a pouco, buscar formas de sobrevivência autônoma; nesta busca constroem conhecimentos por intermédio do pensamento. Temos então características básicas do ser humano – ao mesmo tempo, produto e origem da cultura, - que o fazem bem diferente dos demais mamíferos do reino animal: o pensamento e seu fruto mais dádivo – o conhecimento humano, vale também para as crianças: elas não estão isentas do conhecimento do bem e do mal [...] (DEHEINZELIN, 1994, p.24 e 25)

É importante considerar que o pensamento além de ser uma forma de construir conhecimento, é através dele que a criança pode refletir sobre suas atitudes e seu comportamento, assim, poderá aprender a respeitar a individualidade e ao mesmo tempo aprender a lidar com as vivências em sociedade

b) Cuidar e educar de forma indissociável.

O cuidar e o educar a que se refere esse indicador, não está relacionado a maneira como ocorre a prática pedagógica do professor, e sim, como as professoras conciliam as atividades pedagógicas com os cuidados que são essenciais as crianças pequenas, no dia a dia delas na creche. Qual a percepção das professoras com relação a exercer essas funções.

A professora “A” afirmou que cuidar e educar são práticas indissociáveis e fundamentais no desenvolvimento das crianças. E que o professor deve estar preparado para exercer as duas funções. A professora “B” não fez nenhuma colocação sobre o cuidar e educar de forma indissociável. A professora “C” destacou o cuidar como sendo uma atividade prazerosa e essencial para o bom desenvolvimento das crianças. Destacou também, que o professor deve estar preparado para lidar com as especificidades das crianças pequenas, como por exemplo, a forma de lidar com as crianças que ainda usam fraldas. A professora “D” disse que o cuidar e o educar devem estar juntos.

[...] Com esse público que a gente lida, tem que existir o cuidar e a questão de você trabalhar o pedagógico. Não tem como você dissociar uma coisa da outra, não! Elas estão interligadas! São seres humanos que estão em desenvolvimento e você enquanto professor também tem que saber lidar com esse outro lado, do cuidar. Afinal de contas, a gente está lidando com seres humanos [...]

[...] É uma especificidade da creche, trabalhar dessa forma, do cuidar e o pedagógico. Não tem como você fazer uma diferenciação, não! Isso tem que existir! (Professora A).

[...] O cuidar e o educar tem que andar juntos! (Professora D)

[...] O cuidar é prazeroso! Eu acho tão lindo quando eles falam assim: “cocô”. Eles sabem que fizeram cocô. Eu digo: Não acredito! Fez cocô, foi? E tem aqueles que querem fazer ainda, aí eu digo: Fique a vontade! Pode fazer seu “cocôzinho”, a vontade, eu vou esperar. Teve um menino aqui na creche que me chamou atenção aquilo. Em casa, segundo os pais, não era para ele usar fraldas mais, é pra deixar de usar. Mas, a forma com que os pais passaram para a criança não foi o correto. Ele ficava assustado quando queria fazer xixi. Ficava assustado! Aí eu percebia e dizia: Quer fazer xixi? Pode fazer. A tia tá aqui, olhando pra você, faça a vontade. Ele passou a fazer a vontade, sem ficar com aquele medo. E eu vi que foram os pais, em casa, que ficavam fazendo isso. “Não é pra fazer”! É pra fazer no banheiro”! E por que isso!? Tudo que você passa para a criança, tem que passar com segurança e amor! O ponto de partida é esse[...] (Professora C).

Todas as professoras demonstraram que estão conscientes, diante da necessidade de conciliar os cuidados, com a prática educativa. E que o cuidar e o educar estão interligados e não tem como dissociar um do outro, pois, as crianças estão em fase de desenvolvimento e necessitam de cuidados, que são essenciais no dia a dia deles na creche. A professora “C” relatou sobre o momento que as crianças começam a lidar com o controle de seus esfíncteres, e que esse processo deve acontecer de forma natural sem pressionar a criança.

Segundo Felipe (2001) não se deve estabelecer uma idade rígida para que as crianças desenvolvam a capacidade de controlar os esfíncteres, geralmente isso ocorre por volta de dois anos, porém, para algumas crianças pode demorar um pouco mais. A capacidade da criança controlar o cocô e a urina é um momento que causa muita ansiedade para os pais. É uma das primeiras cobranças externas de socialização, que a criança tem que lidar. Se esse momento não acontecer de forma natural, pode gerar traumas psicológicos. Outro problema que geralmente ocorre nas escolas de educação infantil, é a prática comum de levar todas as crianças ao banheiro de uma só vez e no mesmo horário, além de não considerar que as crianças não sentem vontade ao mesmo tempo e no mesmo horário, essa prática

não respeita a individualidade da criança. Essa atitude pode ser considerada como uma violência aos direitos da criança e precisa ser melhor discutida, especialmente no contexto da escola infantil.

Cabe à escola infantil estabelecer algumas combinações com a família para a tirada da fralda e a introdução do uso do penico, pois o ideal é que isto se dê de forma conjugada - tanto na escola quanto na família. No entanto, colocar as crianças por muito tempo no penico, ou brigar com elas, expondo-as até mesmo ao ridículo pelo fato de não terem conseguido se controlar, pode ser considerado como maus tratos. Esta atitude de incompreensão e intolerância por parte do adulto pode trazer sérias consequências de ordem psicológica para a criança. Em alguns casos há a inibição que se expressa não só pela recusa em ir ao banheiro, mas pode chegar ao extremo da criança desenvolver verdadeiro pânico ao ter que ir para a creche ou pré-escola, não querendo passar de novo por alguma situação constrangedora diante dos companheiros ou da professora. (FELIPE, p.36, 2001).

Fica claro, que tanto os professores, quanto os pais, devem respeitar o processo natural de desenvolvimento da criança, sem provocar situações constrangedoras, que possam gerar traumas psicológicos. Pais e professores devem reconhecer que cada criança é um ser único e sua individualidade deve ser respeitada.

Núcleo IV: Afetividade.

a) Relação professoras e alunos

Todas as professoras participantes da pesquisa consideraram a afetividade como essencial na relação delas com seus alunos. A professora "A" destacou que o profissional deve estar preparado para lidar com a questão do afeto, pois, para ela o afeto é primordial para lidar com a faixa etária atendida na creche, levando em consideração também, que a maioria delas não recebe esse afeto dos pais, as professoras acabam suprimindo essa necessidade afetiva das crianças.

A professora "C" destacou ainda, que os professores marcam a vida das crianças, e seguem nas lembranças delas, para o resto da vida. A professora "D" ressaltou a importância de saber lidar com o afeto, sem perder o respeito.

É o primeiro fator que deve acontecer. É o afeto. Porque você tá lidando com um público que está começando a descobrir, então você tem que ter esse lado, para poder lidar com esse público. Não tem como você ser diferente, não! Se não houver isso da parte do profissional, não vai dar certo. Porque a criança é puro afeto. E você tem que lidar com isso no dia a dia. Porque muitas delas, não tem isso em casa. Você vê que muitas crianças não tem isso dos pais [...] (Professora A).

A afetividade é uma coisa essencial. A gente se apega bastante a essas crianças [...] (Professora B).

A afetividade é essencial, porque trabalhar com criança é amor. Criança é a coisa mais linda que Deus nos deu [...] [...] Porque você vê uma criança, você passar hoje, como eu passo mesmo, por muitos, que passaram por mim. Tá no ônibus dirigindo, aí fala assim, pra mim: “Que prazer!” Olha que coisa linda! Eu olho assim, nem estou conhecendo mais aquela pessoa, aquele rapaz. Não estou conhecendo mais, a idade, né!? Passou por mim pequeno. Mas ele não esquece do professor. A criança que passa pela gente, ela não esquece, fica na mente deles. E a prova você vê aí, os que foram meus o ano passado, quando eu vou chegando na porta, vem tudo gritando meu nome e contar os segredos. Eles têm aqueles segredos para revelar para a gente. Você vê a confiança da criança, em quem dá amor. Que nem todo professor, eles têm confiança, não. Aqueles que só gritam, só exigem deles, eles não têm essa confiança. Eu passo hoje, por aqueles meninos no calçadão, trabalhando nas lojas, aí me chamam: “Minha querida, nunca mais a vi, venha aqui para eu te beijar, te abraçar”. Tudo já velha, eu nem lembro mais quem é! [...] (Professora C).

A afetividade é fundamental! É de extrema importância! É de suma importância! Eu diria que é uma das coisas que é prioritária na relação, nesse momento, e eu acho que em todo momento do processo. Sempre impondo limites. Impondo respeito. Mas, é de extrema importância, a afetividade (Professora D)

A professora “C”, além de afirmar que os professores seguem na memória do aluno no decorrer da vida, ressaltou também, a importância de estabelecer uma relação de amorosidade e confiança, entre alunos e professores. Para ela, o comportamento do professor diante do aluno será determinante para despertar a confiança e o afeto.

Para Freire(1996) nenhum professor passa despercebido pelo aluno, as experiências vividas pelos alunos podem trazer lembranças boas ou ruins dos professores que fizeram parte da vida escolar daquele aluno.

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

Sobre a importância de saber lidar com o afeto, estabelecendo limites e respeito, ressaltado pela professora “D”, Cunha (2008) afirma que:

É por meio do amor que se obtém a saúde mental e emocional. É por razão do amor que sabemos se somos felizes ou não. É por sua ação que os nossos alunos são encorajados a romperem os seus limites em vôos mais altos e a respeitarem voluntariamente os limites estabelecidos para a disciplina e aprendizado. Quando se ama, é quando se devem disciplinar e estabelecer limites, não em momentos de rancor instintivo, nos quais agimos mais em razão de nós mesmos do que pelas necessidades dos nossos alunos ou filhos. Reflexos condicionados não educam (CUNHA,2008, p.16 e 17).

As relações afetivas acompanham o ser humano durante toda a vida, porém, na infância essas relações devem ser potencializadas para garantir que as crianças possam vivenciar situações afetivas que contribuam com o seu desenvolvimento emocional e afetivo.

b) Amor pela profissão.

Todas as professoras entrevistadas, disseram que gostam da profissão, que sentem prazer pelo trabalho que desenvolvem, porém, a professora “C” enfatizou o amor que ela sente pela profissão, como uma motivação para sua vida. Destacou a importância de todos reconhecerem o valor da educação para dedicar-se com amor.

[...] A educação tem esse nome: Educação. É bonita a palavra, né!? Educação é muito linda a palavra, mas, que nem todo mundo sabe o significado dessa palavra. Educação é amor! Educar é amor! Se não tem amor, não vai existir uma boa educação! Primeiro passo é amar aquilo que você faz! Para tudo em nossa vida, nós temos que ter amor [...]

Então, é gratificante! É lindo trabalhar numa creche. Apesar, que eu gostaria que todo mundo se dedicasse com amor assim. Porque é amor! Trabalhar com criança é amor! [...] e, é por isso que nos dá prazer, amar essa profissão [...]

[...] Eu vou ficar muito triste. Vou procurar trabalhar meu coração, porque eu tenho que me afastar. Tenho que sair porque a idade já chegou, mas eu amo demais [...]

[...] Nessa vida nossa, por mais amargura que a pessoa sinta, quando você chega numa sala de aula, você esquece tudo que você passou em casa. Esquece! Pode confiar que esquece. Porque o que eu já passei na minha vida, foi muita coisa triste. Quando eu perdi o meu filho, o meu filho mais velho. Eu pensei que nunca mais iria me recuperar. E quem me deu essa força foi a sala de aula. Quando eu olhava aquelas crianças, me abraçar. "Tia eu te amo!" [...]

Minha gente, isso me dá uma força para eu viver! Porque eu não quero morrer, não! Eu quero viver! E, é assim que eu vivo até hoje. E está ótima minha vida, tá linda! (Professora C).

Sobre esse amor pela docência, tão bem enfatizado pela professora "C" retorno mais uma vez ao pensamento de Freire (1996)

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir, e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria[...] (FREIRE, 1996, p.80).

A prática docente realizada com amor e alegria, desvela a beleza que existe nas relações que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Além de ser um estímulo para quem pretende abraçar essa profissão.

5 CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa, foi de grande relevância para conhecer e refletir sobre as peculiaridades que envolvem a prática docente na creche. As observações realizadas, unidas aos relatos das professoras, proporcionou uma discussão sobre a importância do trabalho desenvolvido pelas professoras e a participação delas em todo o processo de desenvolvimento das crianças. Confirmou-se que, o cuidar e o educar são atividades indissociáveis, visto que, ambas são essenciais para o desenvolvimento infantil. Diante disso, o cuidar não deve referir-se apenas ao que diz respeito a higiene e a alimentação. É essencial que se preze pelo cuidar do cognitivo, do afetivo, do físico, do social e de todas as questões inerentes ao processo de desenvolvimento infantil. O professor que pretende trabalhar com a educação infantil, na creche, deve estar ciente e preparado para lidar com as especificidades das crianças pequenas.

A análise dos dados obtidos através dos relatos das professoras, deixou claro que de acordo com a percepção delas, exercer a docência na creche, não interfere na constituição da identidade profissional. Para elas, a constituição da identidade profissional é intrínseco a personalidade de cada um, portanto, não sofre interferência do meio social. Para as professoras participantes da pesquisa, o importante é o trabalho que elas desenvolvem e como elas se percebem como profissionais.

São muitos os desafios a serem superados diariamente pelas professoras, porém, percebi que a competência, a dedicação, o comprometimento e o amor, apresentados por essas professoras, são determinantes para superar os desafios inerentes a profissão. Ter a oportunidade de conhecer a prática docente da creche, através da percepção de professoras comprometidas com a profissão que escolheram, a qual exercem com satisfação e amor, contribuiu de forma significativa para a minha futura prática profissional.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sergio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação.** R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013. 299

BARBOSA, Maria Carmem Silveira e HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem M.; KAERCHER, Gládis Elise E. P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil /** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRASIL, Governo Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, Senado Federal (1988).

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16/7/1990, p.13.563.

BRASIL, LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei n. 9.394, de 1996. Brasília: Secretaria de Edições Técnicas (1997).

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009 – **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios.** Braga, Portugal: Revista portuguesa de educação, 2003

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento.** São Paulo: Ática, 2006.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem: amorosidade e saber na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DEHEINZELIN, Monique. **A fome com a vontade de comer: uma proposta curricular de educação infantil.** Petrópolis: Vozes, 1994.

FELIPE, Jane. Aspectos gerais do desenvolvimento infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria. **O educador de todos os dias: convivendo com crianças de 0 a 6 anos.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmem M.; KAERCHER, Gládis Elise E. P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E.P.U, 2012.

NACARATO, Adair Mendes et.al O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível... abrindo as cortinas. In: GERALDI, Corintia Maria Grisolia et.al. **Cartografias do trabalho docente: professor(a) - pesquisador(a).** Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil- ALB, 1998.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes, et al. **Creches: crianças e faz de conta & Cia.** Petrópolis: Vozes, 1992.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva e FARAGO, Alessandra Corrêa. **O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação infantil.** Bebedouro-SP: Cadernos de educação: Ensino e sociedade, 2015.

ZANINI, Juliana Quint dos Santos e LEITE, Rachel Winz. Sobre afetividade e construção de vínculos na educação infantil. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil: Saberes e fazeres da formação de professores.** 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

Apêndice A
QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS.

- 1- Quem você se considera como profissional?
- 2- Qual o olhar que você percebe dos pais de seus alunos, diante do trabalho que você desenvolve?
- 3- Para a sociedade como você acredita que o professor da creche é visto?
- 4- Você sentiu alguma dificuldade de adaptação com relação a ser professora na creche?
- 5- Você acredita que existe algum tipo de desvalorização no meio profissional, com relação aos professores que atuam em creches? Você já sentiu essa desvalorização?
- 6- Para você qual o papel da afetividade na sua relação com os alunos?
- 7- Para você o cuidar e o educar são tarefas indissociáveis na prática docente ?
- 8- O cuidar e o educar de forma indissociável interferem na constituição da sua identidade profissional?

Apêndice B

ENTREVISTAS

PROFESSORA: A

1-Quem você se considera como profissional?

Uma pessoa responsável, comprometida com o que faz, que busca sempre o melhor para o aluno. É isso!

2-Qual o olhar que você percebe dos pais de seus alunos, diante do trabalho que você desenvolve?

Alguns pais que tem mais contato comigo, aqueles que gostam de conversar. Eles colocam que estão satisfeitos com o trabalho que eu realizo, que ficam até com um certo receio de colocar... Como eu trabalho com a turma de 4 anos, então eles ficam com receio de como será o desenvolvimento dessas crianças na turma de 5 anos. Aqueles pais que acompanham o filho direitinho, eles têm essa preocupação. Significa então, que o trabalho que eu estou realizando está satisfazendo os pais. Eu penso assim.

3-Para a sociedade como você acredita que o professor da creche é visto?

O professor que trabalha na creche geralmente a visão que a sociedade tem, que a gente percebe que tem, que é só a questão do cuidar. Essa questão de trabalhar o pedagógico, de trabalhar a questão da leitura e da escrita. A sociedade não se dá conta disso, desse trabalho que é realizado. Muitos pais a preocupação é só que a criança simplesmente venha. E quando eles estão saindo da turma de 3 anos, que é quando eles vão para o Pré, então, muitos pais ficam confusos porque eles acham que a criança vai permanecer o dia todo e, é um choque para eles, quando eles sabem então, que a criança só vai estar um horário na creche, ai muitos acabam tirando da creche e os que ficam são realmente aqueles que acompanham no dia a dia, e sabem o trabalho que está sendo realizado. Esses que tem essa consciência, eles deixam os filhos, agora aqueles que não têm, já tiram porque ficam com raiva, ficam chateados porque achavam que era para ficar horário integral.

4-Você sentiu alguma dificuldade de adaptação com relação a ser professora na creche?

Logo no início, como houve um curso de aperfeiçoamento, nós tivemos, eu tive. Foi em 2015, nós participamos, então, isso veio facilitar. Facilitou bastante! Porque realmente, quando a gente vai, já sabe que vai trabalhar com uma determinada faixa etária. A gente já fica pensando: meu Deus como é que eu vou desenvolver ! Mas, de acordo com esse curso que foi dado, isso nos deixou mais tranquilas, em relação a esse trabalho.

5-Você acredita que existe algum tipo de desvalorização no meio profissional, com relação aos professores que atuam em creches? Você já sentiu essa desvalorização?

Eu, enquanto profissional, não sinto! Eu não sinto, mas existe! Existe porque geralmente, até a própria Secretaria de Educação. Eles colocam o que!? Aqueles profissionais que já estão em fim de carreira. O que eles fazem? Colocam para a creche, então, quando eles próprios fazem isso, então, estão deixando claro que esses profissionais que já estão em fim de carreira, que já estão próximos de se aposentar, já estão cansados! Então vão ficar justamente na creche, porque é como se fosse um local de descanso para o professor. Quando na verdade não é! O problema da creche é justamente esse! Você tem que ter muita energia para lidar com essa faixa etária que a gente trabalha, né!? Porque tem que ter saúde e muita energia para você trabalhar com esse público. Tem que está preparado para isso.

6-Para você qual o papel da afetividade na sua relação com os alunos?

É o primeiro fator que deve acontecer. É o afeto. Porque você tá lidando com um público que está começando a descobrir, então você tem que ter esse lado, para poder lidar com esse público. Não tem como você ser diferente, não! Se não houver isso da parte do professor, do profissional, não vai dar certo. Porque a criança é puro afeto. E você tem que estar, tem que lidar com isso no dia a dia, porque muitas delas não tem isso em casa. Você vê que muitas crianças não têm isso dos pais. Então, é aqui que eles vão encontrar. Porque você pegar uma criança que não sabe nem falar ainda. As primeiras palavras a maioria delas, vem começar a falar aqui. Eles ainda não têm a coordenação motora, que a gente trabalha bastante. A questão do dia a dia de como ela deve se comportar, porque muitas

vezes em casa elas fazem o que querem, e aqui não! De acordo com a rotina que elas vão tendo, elas vão se habituando. E a questão do afeto, principalmente que você vê que muitas crianças não tem isso dos pais. Você tá lidando com um público, que tá começando a descobrir. Trabalhando a identidade dessa criança.

7-Para você o cuidar e o educar são tarefas indissociáveis na prática docente ?

Sim. Principalmente com esse público que a gente lida tem que existir o cuidar e a questão de você trabalhar o pedagógico. Não tem como dissociar uma coisa da outra, não! Elas estão interligadas! São seres humanos que estão em desenvolvimento e você enquanto professor, também tem que saber lidar com esse outro lado, do cuidar. Afinal de contas, a gente está lidando com seres humanos. Precisamos entender isso.

8-O cuidar e o educar de forma indissociável interferem na constituição da sua identidade profissional?

Não! Não, porque a partir do momento que você se coloca como profissional, um pedagogo dessas faixas etárias, você já vem trazendo com você justamente toda essa questão da afetividade, do cuidar. Tudo isso vai ter que existir. É uma faixa etária totalmente diferenciada das outras. Porque eu já trabalhei com várias turmas, até com o quinto ano eu já trabalhei. Da turma de 3 anos, até o quinto ano, já trabalhei com todas as faixas etárias, e, é uma especificidade da creche, trabalhar dessa forma. Do cuidar e o pedagógico. Não tem como você fazer uma diferença, não! Isso tem que existir !.

PROFESSORA B

1-Quem você se considera como profissional?

Assim, eu, eu me sinto uma pessoa assim, capaz, competente. Gosto do que faço, pra mim, eu estou me lembrando do início do meu... Quando comecei a trabalhar como funcionária pública que assim, quando eu entrei na educação foi na parte da creche, de bebêzinho, no berçário. E hoje eu estou voltando tudo de novo. Pela idade que eu tenho, estou começando tudo, parece que eu estou começando a criar o meu filho, entendeu!? Estou vivenciando uma coisa do passado!

2-Qual o olhar que você percebe dos pais de seus alunos, diante do trabalho que você desenvolve?

Os pais dos meus alunos desse ano de 2017, nenhum deles, acredita no profissionalismo da gente! Eles têm a gente como uma empregada! Eu sinto isso! Eles não elogiam o que a gente faz, o nosso trabalho de sala de aula. Eu, tanto minha auxiliar como eu, a professora. Esse ano eu não recebi um elogio. Eles não elogiam! Eles não têm a gente como profissional! Eles acham... Colocam o filho aqui na creche é para deixar aqui, entregar e pronto! Não observam o aprendizado dele. Apesar deles terem 2 aninhos, mas eles desenvolvem as atividades da maneira deles. Então, eles nem observam os materiais que vão para a casa, as atividades que a gente manda por semestre. Eles não observam.

3-Para a sociedade como você acredita que o professor da creche é visto?

Eu assim, sou suspeita para falar, mas, eu não vejo esse elogio todo, não! Para sociedade eu... Só como esse evento agora que teve, né!? Que foi muita gente, foi participativo da comunidade, principalmente dos pais. Na culminância, que o pessoal de fora, e da secretaria de educação estiveram presente.

4-Você sentiu alguma dificuldade de adaptação com relação a ser professora na creche?

Não, senti dificuldade nenhuma porque eu já sei como é a rotina de uma creche. Já conhecia, porque já trabalhei em outras creches. Não tenho dificuldade, não.

5-Você acredita que existe algum tipo de desvalorização no meio profissional, com relação aos professores que atuam em creches? Você já sentiu essa desvalorização?

Não. Não, acho! Nunca sentir.

6-Para você qual o papel da afetividade na sua relação com os alunos?

A afetividade é uma coisa essencial. A gente se apega bastante a essas crianças. E assim, esse ano eu estou aqui na creche. Estou com minha turma de 2 anos, eu já estava dizendo a minha auxiliar, já estou sentindo falta dos meus alunos. Apesar dos pais não acreditarem na gente, mas a gente se apega. A gente se apega aos filhos deles, a gente tem o maior cuidado em tudo. Em tudo!

7-Para você o cuidar e o educar são tarefas indissociáveis na prática docente?

Sim. A gente cuida. A gente educa. Porque as vezes quando eles estão fazendo algo de errado a gente diz não pode, né!? Já em casa eles não tem essa mania de ouvir não. Tem uns que tem, limites, mas, tem outros que não tem.

8-O cuidar e o educar de forma indissociável interferem na constituição da sua identidade profissional?

Não! Não interfere, não. A gente cuida. A gente educa, faz parte do nosso trabalho de pedagoga da creche. Já tinha o costume.

PROFESSORA C

1-Quem você se considera como profissional?

Eu me sinto realizada! Feliz com o que eu faço. Primeiro porque eu amo. Porque você pegar uma criança que não sabe nem falar ainda. Então, é gratificante! É lindo trabalhar numa creche! Apesar que eu gostaria que todo mundo se dedicasse com amor assim. Porque é amor! Trabalhar com criança é amor! Criança é a coisa mais linda que Deus nos deu. E, é por isso que nos dá prazer, amar essa profissão. Eu sinto! Eu vou ficar muito triste, vou procurar trabalhar meu coração porque eu tenho que me afastar. Tenho que sair porque a idade já chegou, mas eu amo demais. Vou, agora. Sabe o que eu quero fazer agora? Vou cuidar dos meus netos, porque sempre tem um netinho em casa. Mas, sempre vou vir aqui, visitar. Sempre que der uma folgazinha, eu vou vir aqui visitar. Para ver vocês, porque aqui tem muitas pessoas que moram no meu coração e nunca irá sair. A educação tem esse nome: Educação. É bonita a palavra, né!? Educação é muito linda a palavra, mas, que nem todo mundo sabe o significado dessa palavra. Educação é amor! Educar é amor! Se não tem amor, não vai existir uma boa educação! Primeiro passo é amar aquilo que você faz! Para tudo em nossa vida, nós temos que ter amor. E se você trabalha com eles, dando confiança, dando espaço a eles para falar... ouvindo. É importante isso para a criança. A criança precisa estar ao lado de alguém que eles confiem. A bronca tem que existir. Agora você vê, nem tudo você tem que ser aquele rigor, não! Você tem que brincar. Tem que rir pra eles. Tem que fazer com que eles se sintam a vontade. Você vê, todos que passaram por mim, eles não tem como me esquecer. Porque o que eu mais faço, é deixar eles a vontade

2-Qual o olhar que você percebe dos pais de seus alunos, diante do trabalho que você desenvolve?

Tem aqueles pais que por falta de cultura. Veja bem! Por falta de cultura! Eu sei entender todo mundo! Porque eles já foram criados daquela forma, então eles veem assim: O professor tem o dever de tudo! Eu entrego o meu filho e quero receber ele pronto! Que na verdade não é! O professor vai dar continuidade. Quando um pai sabe educar os seus filhos, o professor vai dar continuidade. E talvez dê até mais do que eles recebem em casa. Porque nós somos preparados para isso. Nós estamos preparados para trabalhar isso aí na criança. A criança é uma massa de

modelar. Eu sempre falo isso. Você vai fazer dela o que você quiser. Tem que preparar ele. É um alicerce que você vai construir. Tá construindo. Agora, quem é da classe média, não quer. Diz logo que não quer trabalhar na área da educação. Ser professor não é só alegria, não! É sofrimento também! Vem aqueles pais que não compreendem o lado do professor. “Ah, deu bronca! Ele não é seu pai, não! Não é sua mãe, não! Não é para dar bronca em você, não! Deixou de castigo!? Não pode!” Mas, eles não sabem que aquela criança mereceu aquele castigozinho que a gente deu. A gente não exagera, o castigo de uma criança é ficar ali sentadinho. Não participou da brincadeira direitinho. Empurrou o coleguinha. Maltratou o coleguinha. Não pode! Vai ficar ali sentadinho. Ficou sentadinho de castigo, depois a gente vai lá e diz: Viu, meu filho!? Você ficou de castigozinho porque você errou. Você não pode fazer isso mais! “Sim tia, eu não vou fazer isso mais”. Ele já entendeu. E os pais não, quando fala é com grito, com xingamentos, com pancada. Que pancada nunca educou! Se pancada educasse não tinha malandro na rua, porque mais do que eles apanham da polícia, e voltam a fazer a mesma coisa. Então, o professor tem que trabalhar totalmente diferente.

3-Para a sociedade como você acredita que o professor da creche é visto?

Eu vejo a sociedade, que eles têm respeito pelo profissional. A maioria dos profissionais, eles têm um preconceito de dizer que não são valorizados. Você vê isso, né!? “Ah, eu não sou valorizado!” Gente, nós não temos que nos preocuparmos com quem não está dando valor ou não. Se você continua fazendo um bom trabalho, vai chegar um dia que eles irão ver. É a continuação do profissional. Eu sou o que eu sou! Não vou mudar! Só vou mudar para melhor! Porque a sociedade um dia vai me ver! É como eu estou falando. Primeiro você tem que pensar naquele que tá nos dando força para continuar a vida, que é Deus. E a sociedade, nós somos valorizados de todo jeito, porque sem o professor não existiria nada! Toda profissão passou pelo professor!

4-Você sentiu alguma dificuldade de adaptação com relação a ser professora na creche?

Não senti dificuldade. Eu trabalho com a educação há 40 anos, e estou na creche há 2 anos. Foi uma experiência, eu nunca tinha trabalhado em creche, e

essa foi uma coisa que eu amei. Há mais tempo eu tivesse vindo para creche, porque é uma coisa nova. Uma experiência nova.

5-Você acredita que existe algum tipo de desvalorização no meio profissional, com relação aos professores que atuam em creches? Você já sentiu essa desvalorização?

Olhe! Nem todos. Porque o mundo é assim! Nem sempre é igual. Existem muitos que não dão valor! Se sente! “Ah, eu trabalho Com o Ensino Fundamental, meu nível é outro!” Existe esse lado. Meu nível é outro! Eu também respeito ele, da forma que ele quer ver o mundo. Porque quem sou eu pra dizer assim... Ele tem que pensar igual a mim? Não! Eu entendo todo mundo. Eu sou assim mesmo, é meu jeito de ser! Na minha casa, no meu trabalho. Quem disser assim: “Porque você é assim? Você trabalha com tanta dedicação, com tanto amor”! É o meu jeito de ser! Primeiro, eu estou fazendo uma coisa que eu quero. É pra Deus me ver. Porque minha caminhada aqui é para ele. Eu não sou daqui. Eu vivo no mundo, mas, eu não sou do mundo. Minha caminhada é para lá, um dia. Então, eu faço isso. E os profissionais, meus colegas, eu considero, respeito e amo todos por igual. Porque foi assim que Deus nos fez, igual. Seja ele, tenha ele, o nível que for; superior, doutorado, eu tenho o mesmo respeito, daquele que está iniciando agora. Eu tenho respeito até por aquele que tá começando... Eu vejo muitas pessoas, já trabalhei com professor, com diretor, que não tinha respeito pelo estagiário. Eu estou falando isso, porque é assim mesmo. Acho que você já sentiu isso! Não tinha valor! Olhe, eu trabalhei com uma menina, essa menina me ama tanto. Quando ela chegou a diretora foi logo dizendo o que era para ela fazer. Daqui a pouco, eu estou assim, ai a diretora falou: “Não gosto de trabalhar com estagiário!” Ela usou essa expressão, não gosto de trabalhar com estagiário! Não devemos agir assim, eu considero que o estagiário já é um professor. O que o estagiário precisa é de uma forcinha, nossa. É só isso! Ele vai ser. Se ele encontra apoio, encontrar amor. Ele vai ser um profissional tão bom, no mundo. É isso que você tem que fazer. É uma sementinha que tá ali iniciando. Coitados, né!? Com o coração aberto para receber. E eu dei toda força aquela menina. Até no dia da festa de despedida, a diretora separou a turma. Ai, eu disse, não! A minha fica junto com a dela. A diretora olhou assim pra mim. Como se não tivesse acreditando. Ai eu disse, pode acreditar! E fiz mesmo,

porque eu ainda não vi ninguém ser melhor que ninguém. Para Deus não existe isso. Você sabe disso. Então, porque a gente vai fazer essa diferença aqui na terra.

6-Para você qual o papel da afetividade na sua relação com os alunos?

A afetividade é essencial, porque trabalhar com criança é amor. Criança é a coisa mais linda que Deus nos deu. Eu sinto por essas crianças... pra mim é como se elas fossem um pedacinho de mim. Acredita, nisso? Quando eu pego eles no colo, acho Tão engraçado quando eu falo assim: Ôh das tias. Eu falo assim. tem uns que me chamam de mãe, né!? Quando eu falo das tias. Só uma que não gostou de eu chamar das tias. E isso me chamou atenção. Quando eu chamei das tias, vem aqui das tias. Vem aqui amor das tias, ai ela falou assim: “Não, Mamãe!” Porque ela era amor da mãe, não amor das tias. Hoje eu falo amor das tias e ela não fala mais nada. Vem aqui amor das tias, e ela vem rindo, pede braço, né!? Ela vem! Então, isso ai a gente vai treinando essa criança. Mostrando o amor. Isso ai é semeando o amor. Eu já vi professoras dizendo assim: “Não quero que me chame de mãe!” Quando ela me chama de mãe, eu não vou repreendê-la porque me chamou de mãe. Eu vou falar, vou brincar e depois eu falo, sim das tias. Você é o amor das tias, porque eu não falo que só eu sou a tia, são todas que trabalham aqui. Eu tenho que me referir à todas. Não falar amor da tia, eu tenho que falar amor das tias. Isso é uma forma de mostrar a eles o respeito, a união e o amor. Porque você vê uma criança, você passar hoje, como eu passo mesmo, por muitos, que passaram por mim. Tá no ônibus dirigindo, ai fala assim, pra mim: “Que prazer!” Olha que coisa linda! Eu olho assim, nem estou conhecendo mais aquela pessoa, aquele rapaz. Não estou conhecendo mais, a idade, né!? Passou por mim pequeno. Mas ele não esquece do professor. A criança que passa pela gente, ela não esquece, fica na mente deles. E a prova você vê ai, os que foram meus o ano passado, quando eu vou chegando na porta, vem tudo gritando meu nome e contar os segredos. Eles têm aqueles segredos para revelar para a gente. Você vê a confiança da criança, em quem dá amor. Que nem todo professor, eles têm confiança, não. Aqueles que só gritam, só exigem deles, eles não têm essa confiança. Eu passo hoje, por aqueles meninos no calçadão, trabalhando nas lojas, aí me chamam: “Minha querida, nunca mais a vi, venha aqui para eu te beijar, te abraçar”. Tudo já velha, eu nem lembro mais quem é ! Tanto tempo, já. Nessa vida nossa, por mais amargura que a pessoa sinta, quando você chega numa sala de aula, você esquece tudo que você passou

em casa. Esquece! Pode confiar que esquece. Porque o que eu já passei na minha vida, foi muita coisa triste. Quando eu perdi o meu filho, o meu filho mais velho. Eu pensei que nunca mais iria me recuperar. E quem me deu essa força foi a sala de aula. Quando eu olhava aquelas crianças, me abraçar. “Tia eu te amo!” Isso é uma felicidade. Minha gente, isso me dá uma força para eu viver! Porque eu não quero morrer, não! Eu quero viver! E, é assim que eu vivo até hoje. E está ótima minha vida, tá linda!

7-Para você o cuidar e o educar são tarefas indissociáveis na prática docente?

Sim. O cuidar é prazeroso! Eu acho tão lindo quando eles falam assim: “cocô”. Eles sabem que fizeram cocô. Eu digo: Não acredito! Fez cocô, foi? E tem aqueles que querem fazer ainda, aí eu digo: Fique a vontade! Pode fazer seu “cocôzinho”, a vontade, eu vou esperar. Teve um menino aqui na creche que me chamou atenção aquilo. Em casa, segundo os pais, não era para ele usar fraldas mais, é pra deixar de usar. Mas, a forma com que os pais passaram para a criança não foi o correto. Ele ficava assustado quando queria fazer xixi. Ficava assustado! Aí eu percebia e dizia: Quer fazer xixi? Pode fazer. A tia tá aqui, olhando pra você, faça a vontade. Ele passou a fazer a vontade, sem ficar com aquele medo. E eu vi que foram os pais, em casa, que ficavam fazendo isso. “Não é pra fazer!” É para fazer no banheiro!” E por que isso!? Tudo que você passa para a criança, tem que passar com segurança e amor! O ponto de partida é esse. Precisamos passar segurança para a criança.

8-O cuidar e o educar de forma indissociável interferem na constituição da sua identidade profissional?

Não! Não interfere, não. Não tem como interferir. É só saber dosar. Você vai mostrar o que é educar e o que é o respeito com o profissional. Não vai interferir em nada. Nós sabemos trabalhar. Sabemos o limite. Trabalhando certo não tem nada de interferência, não! Porque a creche foi a melhor coisa na vida. A melhor coisa que houve, foi o trabalho na creche. Mas, antes não existia creche. A criança entrava no infantil, era assim o trabalho. Eu trabalhei muito tempo assim também. Era um trabalho totalmente diferente da creche.

PROFESSORA D

1-Quem você se considera como profissional?

Competente, comprometida, que gosta do trabalho.

2-Qual o olhar que você percebe dos pais de seus alunos, diante do trabalho que você desenvolve?

Assim, esse ano eu não tive um contato tão frequente com os pais. Só nas reuniões mesmo. Aqueles pais que comparecem, eu percebo uma satisfação com o trabalho que eu realizo.

3-Para a sociedade como você acredita que o professor da creche é visto?

Eu! Não sei se é o que eu acho que a sociedade me vê, mas é o que eu espero que veja, que o professor é a base de tudo. Porque a gente tá participando de um momento da criança. Da formação total dela. A formação do saber, a formação dos valores, das atitudes. O pedagogo de creche, ele participa de tudo! A gente vê aqui, a criança que chega aqui, que não sabe andar, a professora também participa desse momento. Do saber falar. O pedagogo de creche, embora não seja valorizado, ele participa de tudo. Então, é o que eu espero que a sociedade veja. Como fundamental no desenvolvimento dessa criança. Porque ela tá no início de tudo, ali, formando, e o pedagogo nesse momento, ele tem um papel fundamental. De extrema importância! Não é só no saber não! Mas em tudo.

4-Você sentiu alguma dificuldade de adaptação com relação a ser professora na creche?

Não! Não sentir dificuldade, não. Foi tranquilo.

5-Você acredita que existe algum tipo de desvalorização no meio profissional, com relação aos professores que atuam em creches? Você já sentiu essa desvalorização?

Tem sim! A gente não pode negar! Tem principalmente, aquele professor que trabalha por área. Ele discrimina demais o professor. Ele subestima o saber da gente, a capacidade do pedagogo, principalmente os que trabalham na creche. A própria sociedade já tem isso, de não ver a creche como uma instituição que

alfabetiza. Não vê ! A creche é como um depósito. Que bota lá a criança porque a mãe vai trabalhar, e, é, uma creche assistencialista. A creche tem isso! Veio historicamente, e a sociedade ainda vê dessa forma.

6-Para você qual o papel da afetividade na sua relação com os alunos?

A afetividade é fundamental! É de extrema importância! É de suma importância! Eu diria que é uma das coisas que é prioritária na relação, nesse momento, e eu acho que em todo momento do processo. Sempre impondo limites. Impondo respeito. Mas, é de extrema importância, a afetividade.

7-Para você o cuidar e o educar são tarefas indissociáveis na prática docente?

Sim. O cuidar e o educar tem que andar juntos!

8-O cuidar e o educar de forma indissociável interferem na constituição da sua identidade profissional

Não interfere, não. Eu acredito no meu trabalho! Meu pensamento é esse, que não atrapalha. Não depende disso!

Apêndice C

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Lucélia de Almeida Santos Oliveira, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientada pela doutora Maria Auxiliadora Santos, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso: EDUCAÇÃO INFANTIL, CRECHE: Uma reflexão sobre a identidade profissional do professor, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, ____/ ____/ ____.

Assinatura da aluna concluinte